Jornal de Letras

Opiniões
Depoimentos
Novos Lançamentos
Entrevista
Literatura Infantil

Número: 296
Mês: Outubro
Ano: 2023
Preço: R$ 5,00

21ª Bienal do Livro

Dentro da programação da 21ª Bienal Internacional do Livro do Rio, a Academia Brasileira de Letras preparou uma pauta diversificada para seu estande, com agenda de conversas entre acadêmicos, jornalistas, cientistas sociais e políticos. A ABL não instalava um estande na Bienal desde 1997. Desta vez, além de um espaço de venda de livros, fez evento em um auditório que recebeu centenas de pessoas. O livro segue como grande protagonista. *(Por Manoela Ferrari – págs. 10 e 11)*

JL digital
ACESSE:
www.jornaldeletras.com.br

Editorial

Foi a 40ª edição da Bienal do Livro, no Rio de Janeiro. O pavilhão do Riocentro ficou lotado o tempo todo, sobretudo com a presença de alunos e professores das redes públicas de ensino. Foram vendidos cerca de 600 mil livros, o que constitui um recorde, e as editoras ficaram satisfeitas com esse espetacular resultado. Houve muitas palestras, como as que foram realizadas no estande da Academia Brasileira de Letras, por uma série de imortais. A Secretaria de Estado de Educação fez o mesmo e obteve uma presença bastante animadora em seu espaço. Louve-se a organização do evento, pelos resultados obtidos.

O Editor.

O acadêmico Arnaldo Niskier em visita ao acervo do bibliófilo gaúcho Gilberto Schwarstmann, na Academia Nacional de Medicina, no Rio de Janeiro.

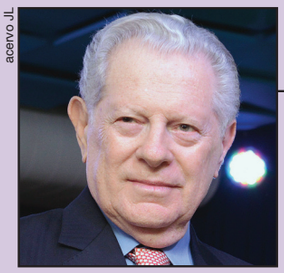
Expediente

Diretor responsável: Arnaldo Niskier
Editora-adjunta: Beth Almeida
Colaboradora: Manoela Ferrari

Secretária executiva: Andréia N. Ghelman
Redação: R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: institutoantares.info@gmail.com
Distribuidores: Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048
Correspondentes: António Valdemar (Lisboa).
Programação Visual: CLS Programação Visual Ltda.
Fotolitos e impressão: Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114
Versão digital: www.jornaldeletras.com.br

O Jornal de Letras é uma publicação mensal do Instituto Antares de Cultura / Edições Consultor.

Opinião Arnaldo Niskier



acervo JL

O sucesso da Bienal

A última Bienal do Livro, no Riocentro, foi a maior de todos os tempos. Em termos de comparecimento de público e também de venda de livros. Isso deixou felizes os nossos editores, antes desolador por uma perspectiva nada animadora. Parecia inexorável a supremacia do digital, mas não foi o que se viu. Curioso é que essa volta do interesse pelo livro impresso foi também um fenômeno que aconteceu recentemente na Suécia e em outros países.

Comecei a minha visita pela ida ao belo estande da Secretaria de Estado de Educação, a convite da sua titular, professora Roberta Barreto de Oliveira. Falei a alunos e professores, destacando a necessidade de priorizar os recursos para a educação e a formação dos mestres, por intermédio dos renovados cursos de Pedagogia.

Depois, em companhia do jornalista Ancelmo Góis, fui para o estande da Academia Brasileira de Letras (ABL). Primeira emoção: um encontro com a imagem de Machado de Assis, em tamanho natural. Que boa ideia! Respondi a algumas perguntas, sobretudo em relação às expectativas sobre o emprego de tecnologia na educação, como é o caso da inteligência artificial. Falei da necessidade de avançar com todos os cuidados possíveis, para evitar que caiamos em alucinações indesejadas. A IA é consequência, como ferramenta, da junção de hardware e sofware e já se encontra em todo o mundo desenvolvido.

O auditório estava cheio e pareceu muito interessado. De lá veio a pergunta: "Como melhorar a educação brasileira?" Respondi falando do recente encontro com o ministro da Educação, em Brasília, na comemoração do aniversário da ABMES, hoje presidida pelo prof. Celso Niskier, reitor da Unicarioca, e que se encontrava presente no estande da ABL. Disse ao ministro que a educação não suporta mais os cortes em suas verbas. Elas são sagradas.

Depois, um aluno quis saber como fazer sucesso na carreira profissional. Falei que o estudo permanente é o melhor caminho. Ainda pude fazer referência ao futuro da educação a distância (EAD), modalidade que ajudei a colocar na lei Darcy Ribeiro, quando membro do Conselho Nacional de Educação. A EAD é muito útil, mas deve ser tratada com qualidade.

"Quando derrubamos os muros da nossa prisão e corremos para a liberdade, estamos na verdade correndo para o pátio de uma prisão maior."

Yuval Noah Harari

"Devemos não somente nos defender, mas também nos afirmar, e nos afirmar não somente enquanto identidades, mas enquanto força criativa."

Michel Foucault

JL Entrevista transmitida em nível nacional, no Programa *Identidade Brasil*, apresentado, por Arnaldo Niskier, no Canal Futura.

Roberta Barreto de Oliveira

A missão dos professores

Arnaldo Niskier: Hoje, temos a honra muito especial de entrevistar a professora Roberta Barreto de Oliveira, que é secretária de Estado de Educação do Rio de Janeiro. A senhora enfrentou uma greve até há pouco. Como é que foi vencer isso?

Roberta Barreto de Oliveira: Acho que alguma coisa temos em comum. O colega ex-secretário, quando entrou na rede, enfrentou uma greve como essa e não é fácil, porque são colegas professores que estão conosco na luta diária por uma educação pública de qualidade. Acho que o que mais precisamos ter é diálogo com essa rede, precisamos exaltar o grande valor da profissão, que é a humanização do ensino, a humanização da escola. A escola é uma extensão da casa dos nossos estudantes e os professores, com certeza, têm um papel fundamental na construção da educação desses estudantes.

Arnaldo Niskier: A senhora é também professora, há muitos anos, inclusive da rede pública. A senhora se formou em História.

Roberta Barreto de Oliveira: Tenho muito orgulho de poder ser professora de História e poder conciliar os fatos da realidade com tudo aquilo que já passamos, seja no Brasil, seja mundialmente. O que penso exatamente em ser professora da rede pública, primeiro você tem que ter aptidão, tem que gostar, tem que valorizar essa sua posição. Essa valorização tem que vir de dentro, você tem que amar ser professor. Professor não é bico. Ser professor é interferir, é afetar a vida de centenas e centenas de crianças. Então, gosto muito de ser professora, gosto muito de ser gestora da educação, acho que isso é fundamental. O princípio é gostar, o restante você atrai, conquista, somos eternos aprendentes, eu, você. Acho que ser professor é isso: ser eterno aprendente.

Arnaldo Niskier: O governador Cláudio Castro apoiou a Secretaria de Estado de Educação? Eu tive muito apoio do governador do meu tempo, Chagas Freitas, ele me deu mais recursos e pude dar aumentos de até 1.000% aos nossos professores.

Roberta Barreto de Oliveira: O governador Cláudio Castro tem um coração muito afetuoso com a educação. Primeiro, ele é aluno da escola pública, é oriundo dessa classe mais popular. O que fez? Lutou junto aos órgãos públicos para que o Rio de Janeiro saia desse regime de recuperação fiscal. O grande desafio do nosso governo, e principalmente do governador Cláudio Castro, é conseguir retirar a educação do pacote do regime de recuperação fiscal. Com este regime, não é possível investir em aumentos, em vantagens e até mesmo alguns direitos já são cerceados em função do regime de recuperação fiscal, que é uma administração conjunta com a União. Então, aquele Rio de Janeiro do Chagas Freitas, hoje, sofre com toda essa adequação da política de investimento e de custeio em função do regime, mas acho que o governador foi brilhante, levou nossa demanda para o governo federal, está lutando com isso, fica notório nas redes sociais. Não conseguimos dar o aumento específico para o professor no plano de carreiras, mas ele garantiu o piso nacional do magistério, no Rio de Janeiro, e, no início do ano, também deu aquele aumento de 6, 5, que é uma diferença de todos os índices para atualização salarial. Acredito que, com essa força de vontade, essa popularidade que o governador tem e, principalmente, essa tranquilidade de conversar com os demais órgãos, em breve vamos poder fazer os novos aportes da educação.

Arnaldo Niskier: Como são suas conversas com o Ministério da Educação? Ele colabora?

Roberta Barreto de Oliveira: Acho que hoje o Ministério da Educação tem uma pessoa à frente que participou muito de gestão pública, que é o ministro Camilo Santana. A educação do Ceará é uma educação de referência nacional, sou muito amiga da Eliana, que é a secretária de Estado de Educação do Ceará, e o ministro Camilo abriu as portas do Ministério da Educação, colocando secretários que têm fácil acesso também às políticas públicas e aos gestores tanto da rede estadual quanto da rede municipal. E nós, do Conselho de Secretários de Estado de Educação, também temos um trânsito, um diálogo permanente com o Ministério de Educação. Agora, de fato, são muitas atribuições, muitas correções. O Brasil está sofrendo uma análise constante, uma análise do mercado externo, tem aí o Pisa, entre outros mecanismos de avaliação. Estive recentemente na OCDE para entender melhor como está esse plano de desenvolvimento internacional, o Brasil precisa mostrar...

Arnaldo Niskier: Tem que melhorar de posição em português, em matemática, ainda está ruim.

Roberta Barreto de Oliveira: Principalmente. Uma dica. Se nossos alunos lessem mais, se a leitura fosse mais evidente na vida dos nossos alunos, tenho certeza que conseguiríamos ter alunos melhores em português, em matemática, redação.

Arnaldo Niskier: A senhora foi vista na Bienal do Livro percorrendo vários estandes. Tem muitos ou foi só o da Secretaria de Estado de Educação que merece essa visita?

Roberta Barreto de Oliveira: Ah, o da ABL, por exemplo, estava a coisa mais linda com o Machado de Assis projetado, falando com o público presente. Acho que a Bienal é uma identidade do Brasil. Já é a 21ª, esse ano foram 40 anos de Bienal e ela continua uma garota linda, jovem, nova, promovendo muitas inovações e o mais bonito foi ver o quanto os estudantes apreciam a literatura. Pela Secretaria de Estado de Educação, por exemplo, possibilitamos que 20 mil alunos estivessem presentes, ganharam um cartão para consumir literariamente no valor de 100 reais e os professores também ganharam um vale de 200 reais. Levamos 5 mil professores...

Arnaldo Niskier: 200 reais, já dá para comprar alguns livros, pelo menos 4 livros.

Roberta Barreto de Oliveira: Além de várias promoções, porque o mais interessante da Bienal é isto: a concorrência muito grande, várias livrarias. Então, as promoções acontecem e você consegue desfrutar melhor. Tivemos uma programação muito intensa no estande da Secretaria de Estado da Educação, inclusive com sua presença, além de outros autores, alunos que já são autores, que já têm obras, nossos professores da rede. É um evento brilhante que acontece aqui no Estado do Rio de Janeiro, que nós, educadores, professores, não podemos perder.

Arnaldo Niskier: Isso só reafirma a condição do Rio de Janeiro de capital cultural do país. Não perdeu e não perderá jamais. Uma preocupação que, como educador, tenho e certamente a senhora tem também é o número de adultos analfabetos que tem no nosso país, de modo geral. Queria ouvir sua opinião a respeito.

Roberta Barreto de Oliveira: Com certeza. O que mais nos preocupa é a possibilidade do mundo digital, de alguma forma, substituir os bancos escolares com esses adultos. Por quê? A promoção do mundo digital é tão intensa que esses adultos que até hoje não possuem a alfabetização podem até buscar esses mecanismos para se entender com esse mundo digital e não tenham ainda a compreensão do adulto alfabetizado, que é aquele que contextualiza, que opina, que é capaz de compreender situações-problemas. Então o processo de alfabetização é muito mais que o mecânico silábico, é esse processo de contextualização de protagonismo diante dos problemas que existem no dia a dia.

Arnaldo Niskier: O Brasil, segundo a última estatística do IBGE, tem 1,8 milhão de indígenas (não são índios, são indígenas). Na Academia Brasileira de Letras, há dois candidatos à próxima vaga da Academia: o Munduruku e o Krenak. É bem um exemplo da diversidade da cultura brasileira.

Roberta Barreto de Oliveira: Precisamos respeitar. Acho que o Rio de Janeiro foi uma das portas da colonização, logo após a Bahia, Rio de Janeiro passou a ser a capital do Império e aqui, infelizmente, percebemos que a cultura indígena foi massacrada. Hoje temos, no Rio de Janeiro, acho que duas ou três aldeias apenas, naquela região de Parati já divisa com São Paulo. Ali criamos a segunda escola indígena do Estado do Rio de Janeiro, já respeitando a legislação específica para isso, e tentamos mostrar também para a sociedade que é necessário respeitar essa cultura que é do verdadeiro habitante do Brasil. Você vai para outros países, vai para a Espanha e percebe que ela é dividida em dois blocos culturais. Por quê? Houve o respeito ao nativo daquela terra. Precisamos respeitar essa cultura nativa do Brasil.

Arnaldo Niskier: Que ideia é essa das escolas interculturais?

Roberta Barreto de Oliveira: É a identidade do Brasil. O povo brasileiro ganhou, ao longo do tempo, várias identidades do povo que veio habitar nossa terra e aqui temos, no Estado do Rio de Janeiro, por exemplo, as escolas Brasil/China, Brasil/Uruguai, Brasil/França. O que é isso? Trabalhamos em conjunto com os Consulados que estão estabelecidos no Estado do Rio de Janeiro, promovemos nessas escolas, além da base curricular comum, o estudo do idioma que é falado naquele país, assim como todas as suas ações culturais, algumas modalidades específicas de aprendizagem que usam, como técnicas, mecanismos de apoio do conhecimento. Acho que o Rio de Janeiro já vem praticando essa questão do vocacional do novo ensino médio das habilidades, das competências, desde a implantação das escolas interculturais, porque temos uma extensão, muitas delas trabalhando em tempo integral, então você consegue unir cultura, conhecimento e diversidade no mesmo local, que é uma grande proposta do Novo Ensino Médio. É possível que esses professores e alunos até façam um intercâmbio ao longo da sua estadia, da sua passagem por essa escola. Temos alunos e professores, agora, na China fazendo esse intercâmbio.

Arnaldo Niskier: Há pouco tempo, a senhora recebeu um dos maiores prêmios da Academia Brasileira de Letras, que é o Prêmio Francisco Alves, destinado a monografias de ensino elementar. Como a senhora sentiu essa homenagem da maior instituição cultural do país?

Roberta Barreto de Oliveira: Eu me senti tão honrada, revisitei minhas melhores memórias de gestora do ensino fundamental, desses desafios de fazer o menino e a menina entrarem e permanecerem na escola, quais são as técnicas, as atitudes, o acolhimento, a afetividade que o ensino precisa promover, para que esse aluno goste de ser estudante. Falo que aluno e estudante tem uma diferença muito grande. O aluno é aquele que está sem luz, precisa ser iluminado, o estudante não. O estudante é aquele que estuda e quer aprender todos os dias. Fiquei muito, muito feliz, foi uma cerimônia lindíssima.

Arnaldo Niskier: Quantos alunos tem hoje o sistema de ensino do Rio de Janeiro?

Roberta Barreto de Oliveira: Há 628 mil alunos, 59 mil profissionais de educação, professores e servidores. O Rio de Janeiro possui uma rede muito maior do que Estados que são territorialmente maiores que o nosso. Por exemplo, o Rio de Janeiro é maior que o Mato Grosso do Sul, que territorialmente é maior que o nosso. Vivemos, sim, uma grande densidade demográfica e estamos retribuindo isso para a população com atendimento em todas as cidades do Estado e ainda com muita parceria, para acomodar o ensino fundamental. Desejamos a educação de elos, a educação de redes, a educação que tece essa possibilidade do menino, do adolescente, do jovem e até mesmo do adulto se sentir educado, preparado para ser alguém no cenário, no mundo, fazer suas escolhas, ter suas opções, saber decidir, ser cidadão. Esse é o papel da escola.

Arnaldo Niskier: A senhora tem planos e projetos muito bonitos. Ficamos contentes em poder divulgá-los e torcermos para que tudo dê certo e que haja recurso suficiente para que a senhora realize todos esses projetos em favor da educação do Rio de Janeiro e, certamente, do país também.

Breves

Por Manoela Ferrari manoela.ferrari@gmail.com

◉ *Desatadora dos Nós* (Ed. MM) conta como a autora, a advogada e juíza de Paz Isis Penido, realizou o sonho de construir uma capela para Nossa Senhora em Búzios, na Região dos Lagos.

◉ Em *Amazônia na Encruzilhada* (Ed. Intrínseca), a jornalista e escritora Míriam Leitão traça um retrato da situação atual da Amazônia.

◉ Com mais de 40 anos de carreira, 130 obras publicadas e 28 milhões de exemplares vendidos, o escritor Pedro Bandeira foi anunciado como a Personalidade Literária da 65ª edição do Prêmio Jabuti.

◉ A Global Editora marcou presença na Bienal do Livro do Rio 2023, com um movimentado estande de 250 m², celebrando os 50 anos de sua fundação.

◉ Ricamente ilustrado pela produção de dez fotógrafos, *Pantanal: Origens de um paraíso* (Ed. Capivara) é assinado pelos historiadores Maria de Fátima Costa e Pablo Diene.

◉ Rodrigo Bruno apresenta o Museu Nacional e seus objetos históricos (tratando também o incêndio que destruiu parte da instituição, em 2018), no livro *Museu Nacional – Casa de muitas histórias* (Ed. Quereres), com ilustrações de Bruna Assis Brasil.

◉ *Memórias de um Tempo Obscuro* (Ed. Contexto), de Ricardo Viveiros, registra a história recente da polarização política no Brasil.

◉ A jornalista e apresentadora Maria Beltrão realizou, na Bienal do Rio, sua primeira sessão de autógrafos do livro lançado durante a pandemia, *O Amor Não se Isola* (Máquina do Livro).

◉ *A Travessia do Deserto – Uma estratégia para a vida* (Ed. Kelps), da professora Elina Borges, foi lançada com sucesso na Câmara Municipal de Goiânia.

◉ A Biblioteca Pública do Paraná inaugurou a *Estante Afro — Maria Águeda*. O acervo possui mais de 500 títulos de autores(as) afrodescendentes.

◉ Mario Sergio Cortella lançou os livros *O Meu Lugar no Nosso Lugar* (que aborda a questão da sustentabilidade na cidade) e a edição revista e ampliada de *O que é a Pergunta?*, com novo projeto gráfico da Cortez Editora.

◉ Num estilo que esbanja empatia, característico de seus livros, a portuguesa Isabela Figueiredo – um dos nomes mais destacados da literatura lusófona contemporânea – faz um estudo da solidão em *Um Cão no Meio do Caminho* (Todavia).

◉ *Em Com os Sapatos Aniquilados, Helena Avança na Neve* (Nós), novo thriller feminista de Marcia Tiburi, a autora aborda de forma corajosa temas como estupro e feminicídio, ainda pouco explorados pela ficção brasileira.

◉ *A Filha Italiana* (Ed. Arqueiro, com tradução de Nina Schipper) é o primeiro volume da série *As Filhas Perdidas*, escrita por Soraya Lane.

◉ *Bem-vindos à Livraria Hyunam-dong* (Intrínseca), romance de estreia de Hwang Bo-reum, tornou-se best-seller na Coreia do Sul com narrativa reconfortante sobre o poder da literatura, empatia e superação.

◉ *Fim: Para onde vão os finais felizes* (Ed. Academia), de Gabie Fernandes, com ilustrações do artista catarinense Nestor Jr, é composto por várias histórias curtas, leves e bem-humoradas que tratam do poder libertador do fim de um relacionamento.

◉ *A Arte dos Mundos Negros* (Ed. Bazar dos Tempos), de Anne Lafont, traça um panorama sobre as imagens da cultura material do chamado *Atlântico Negro*, possibilitando reflexões sobre a arte africana.

◉ Andrew Morton, escritor que incomodou a família real britânica com biografia de Lady Di, em 1992, adotou tom conciliador em *A Rainha* (Ed. Bestseller, 2023), livro sobre Elizabeth II, morta há quase um ano.

◉ O projeto Biblioteca Mauricio de Sousa doou para o Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas de São Paulo (SisEB) mais de 19 mil itens que serão distribuído na forma de kits com acervos sobre a Turma da Mônica para 82 bibliotecas de 70 cidades no estado paulista.

◉ *Imaginável* (Ed. Rocco), da designer de jogos e escritora Jane McGonigal, ensina a criar estratégias que ajudam a recuperar a autoconfiança e estimulam a criatividade.

◉ *Sexo* (Ed. Via Verita), novo livro de Marco Casanova, conta a história de sete amigas de meia-idade que se reúnem para contar suas experiências íntimas.

◉ Combinando neurociência com uma narrativa ágil, o jornalista David Robson lançou *O Lado Bom das Expectativas*, traduzido por Renato Marques para a Editora Vestígio.

◉ A exposição *Dos Brasis – Arte e pensamento negro*, com curadoria geral de Igor Simões, ficará aberta à visitação até o dia 28 de janeiro, no Sesc Belenzinho, em São Paulo.

◉ Escrito antes de o autor se tornar um romancista cultuado, *Um Otimista na América: 1959-1960* (Companhia das Letras), de Ítalo Calvino, traz notas de uma viagem aos EUA entre os anos 1950 e 1960.

◉ Organizado em forma de guia, *O Cérebro das Pessoas Felizes* (Ed. Rocco), do espanhol Ferran Cases, com consultoria da neurocientista Sara Teller, narra as descobertas do autor para entender suas crises de ansiedade.

◉ Ao longo de 77 textos, o historiador Luiz Antônio Simas compartilha táticas contra o desencanto em *Crônicas Exusíacas & Estilhaços Pelintras* (Civilização Brasileira).

◉ A Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) terá presença confirmada de Natalia Timerman para a sua 21ª edição, marcada entre 22 e 26 de novembro. A autora foi uma das mais lidas nos últimos anos, com a publicação de *Copo Vazio* (Todavia).

◉ O Anuário *Abrelivros* 2023 anunciou que 206 milhões de livros didáticos foram distribuídos pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) em 2022.

◉ O livro *Diários em Mar Aberto*, do escritor e professor universitário Leonardo Tonus, publicado no Brasil em 2021 pela *Folhas de Relva Edições*, compõe a lista "Melhores livros de editoras independentes de 2023 da região Baviera", em relação promovida pelo governo local.

Humor

Por Jonas Rabinovitch jonasrabinovitch@gmail.com

ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

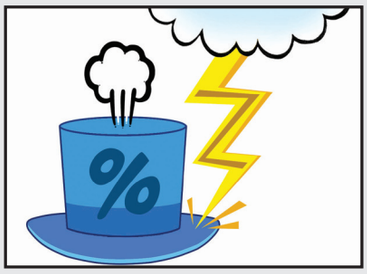
Viagem perdida

"Gisela vai para New York fazer compras para as amigas."

Não é errado utilizar a grafia da cidade estadunidense na sua forma original, mas é recomendável que os topônimos de línguas estrangeiras sejam substituídos pela sua tradução na língua portuguesa.

Frase correta: "Gisela vai para **Nova Iorque** fazer compras para as amigas."

Instabilidade empresarial



"Lucas está apreensivo com a recessão que assusta o empreza-riado."

Tem que ter medo mesmo!

Empresário se escreve com **s**, logo, seu substantivo derivado – **empresariado** também é escrito com **s**.

A única exceção é **catequizar** – substantivo derivado de **catequese**.

Período correto: "Lucas está apreensivo com a recessão que assusta o **empresariado**."

Perfumado

"Ernesto comprou um buquê de crisantemos muito perfumados."

Perfeito!

A palavra proparoxítona **crisântemo** também admite pronuncia como paroxítona: **crisantemo**.

Cedendo

Armando disse para Juliana: "Ou chegas cedo ou não cedo."

Perfeito!

Cuidado com os **homônimos perfeitos** (palavras de grafia igual e significado diferente).

No primeiro caso: **cedo** é referente ao advérbio de **tempo**.

No segundo caso: **cedo** é o presente do indicativo do verbo **ceder** (eu **cedo**, tu **cedes**, ele **cede**, nós **cedemos**, vós **cedeis**, eles **cedem**).

Ainda sobre os homônimos

"Cansei de **apressar** meus colaboradores para apreçar os produtos", disse Alceu ao primo.

Novamente, cuidado com os **homônimos homófonos** (mesmo som, grafias diferentes).

Apressar: dar pressa, agilizar.

Apreçar: dar preço, dar valor.

O x da questão

"Larissa pediu um mixto quente, que chegou frio."

Nem poderia estar agradável.

Usa-se **s** e não **x** depois de **i** e **u**, em final de sílaba que não seja final de palavra: mi**s**-to.

Frase correta: "Larissa pediu um **misto** quente, que chegou frio."

Torcendo de forma errada

"Jogaremos um futebol muito bom, mas contando com os fluídos positivos enviados pelos torcedores."

Assim, ficará difícil! Fluído é o particípio do verbo fluir.

O que os torcedores mandarão para o nosso time serão **fluidos**, sem acento.

Período correto: "Jogaremos um futebol muito bom, mas contando com os **fluidos** positivos enviados pelos torcedores."

Estar, está e esta

Para não errar nunca mais:

Estar: verbo estar no infinitivo pessoal.

Ex.: Faço de tudo para **estar** o resto da minha vida empregado.

Está: verbo estar na 3ª pessoa do singular.

Ex.: Ela **está** animada para a viagem de férias.

Esta: pronome demonstrativo.

Ex.: **Esta** mulher ficou preocupada com o aumento de preços.

Incerto

"Muitos jogadores preocupam-se, pois consideram insertas as suas convocações para a seleção brasileira."

Desse modo, têm mesmo motivo para ficarem na dúvida.

Observe: insertas – inseridas / incertas – cheias de dúvidas.

Período correto: "Muitos jogadores preocupam-se, pois consideram **incertas** as suas convocações para a seleção brasileira."

Contrato

"Se o profissional não cumprir o determinado no contrato, o empregador istipula uma multa a ser paga."

Muito desagradável essa situação, principalmente porque não existe a forma verbal "istipula". O verbo é **estipular**, que significa dar um valor exato – **estipula**.

Período correto: "Se o profissional não cumprir o determinado no contrato, o empregador **estipula** uma multa a ser paga."

Viagem ruim

"Leila chegou em Florianópolis e adorou o clima da cidade."

Não deve ter chegado bem.

Os verbos **chegar**/ **ir** – devem ser introduzidos pela preposição "**a**" e não pela preposição "**em**".

Ex.: "Vou **ao** cinema hoje", "Cheguei **a** Madri".

Frase correta: "Leila chegou **a** Florianópolis e adorou o clima da cidade."

Fluminense e alunos do Fundão

Por Álvaro Abreu*

Tomei um voo para o Rio de Janeiro para celebrar os 50 anos de formatura da primeira turma de Engenharia de Produção da UFRJ, para qual dei aulas em 1972. Ao lado de outros dois colegas do mestrado e de Itiro Iida, um professor trazido de São Paulo, ficamos responsáveis por 4 disciplinas, tendo que preparar apostilas e materiais didáticos.

Uma trabalheira danada, um aprendizado forçado e gratificante, que tenho na conta de ter sido uma das coisas mais interessantes que fiz na vida. Celebrar junto com aqueles alunos, agora senhores de cabeça branca, era mais do que um direito.

Antes de embarcar, tomando um café com pão de queijo, notei que quatro homens vestindo camisa do Fluminense conversavam animadamente na mesa ao lado. Bateu uma inveja boa, de ver amigos fazendo programa juntos, como acontecia nos tempos de pescarias. Dali, vi torcedores na fila de embarque que ocupariam, talvez, uma metade das poltronas do avião.

Já embarcados, tricolor que sou, puxei assunto com o que estava ao meu lado e fiquei sabendo que haveria jogo importante no Maracanã. Mais: que existe uma loja do nosso time, num shopping, que vendeu mais de 740 ingressos e reservou hotéis. Tudo com desconto para associados.

A conversa seguiu animada a viagem inteira. Contei que, nos idos dos anos 1960/1970, existia em Vitória uma movimentação similar de torcedores, conhecidos por "Malandros de Decisão", que tomavam seus assentos num ônibus da Itapemirim por volta das 23h, com destino à Rodoviária Novo Rio.

Com cara de passageiros mal dormidos, pegavam um táxi até a Avenida Copacabana, onde compravam as entradas para o jogo numa lojinha no Mercadinho Azul, perto da Rua Santa Clara.

De lá, saíam caminhando até algum bar nas calçadas de Ipanema, para ver os brotos passando a caminho das areias da praia. Tendo tomado umas tantas cervejas, almoçavam por ali e iam para o estádio com antecedência, para garantir bons lugares na torcida.

Terminado o jogo, voltavam de táxi para Zona Sul, agora para as rodadas de cerveja de comemoração ou de desgosto. Comiam alguma coisa consistente e tomavam mais um táxi, agora para a Rodoviária, pra começar a viagem de umas 9 horas de volta pra Vitória. Isso se o trecho de Morro do Coco, perto da divisa, o único ainda sem asfalto, estivesse dando passagem. Dizia-se que o atoleiro que existia ali era argumento estratégico para a empresa de Cachoeiro manter a exclusividade na exploração do trecho Rio-Vitória.

Como o mundo é mesmo pequeno, conversa vai, conversa vem, fiquei sabendo que o companheiro de viagem era sobrinho do meu querido professor Ferrari, na Escola Politécnica, um dos que me estimularam a fazer o mestrado na COPPE/UFRJ, exatamente o meu destino naquela manhã.

Em terra, entusiasmado, tirou uma foto nossa e despachou para o tio, acompanhada de um áudio vibrante ao celular. Na volta, vim trazendo emoções do reencontro com meus ex-alunos sorridentes e satisfação de saber da vitória do meu time.

*Álvaro Abreu é escritor e colunista do jornal *A Gazeta* de Vitória-ES.

O ônibus laranja

Por Marilena Soneghet*

Se a gente soubesse antes…

Se a gente soubesse antes… Teria medo de viver? Os fatos adversos empanariam a sutileza do belo, a ingenuidade, as surpresas, o alento, os adágios, o crescendo do que viria a ser?

Quando a gente percebe que tem um filho especial, sente uma dor muito grande – pelo profundo receio do que a vida vai lhe roubar, das dificuldades que o esperam, das superações constantes que lhe serão exigidas, dos sofrimentos que terá quando entender que é diferente, dos preconceitos e rejeições que enfrentará… Oh, céus, como poupá-lo? Como compensá-lo? Só havia um meio, logo descobri – dar-lhe a certeza de ser incondicionalmente amado! E assim ele cresceu:

Único!

Indefinível.

Sólido e diáfano

Iluminado e translúcido: meu menino de alabastro.

Quero contar esta história e mal me atrevo. É-me difícil abranger ou relatar o abissal significado que a mansa superfície engana. Também não sei se conseguirei discernir a verdade intrínseca e chegar ao âmago da extrema simplicidade onde tudo se resume.

Imagem gerada pela ferramenta de inteligência artificial Imagine AI Art Generator.

Meu menino cresceu. Fisicamente era um homem, com as instâncias do instinto intactas e gritando. Seu sonho: ter uma namorada. Eu já vinha pensando no assunto desde que percebera uma espécie de dor muito íntima a resvalar em seu olhar.

Mesmo sempre cercado de amigos, era um ser solitário. Não fazia parte. Não pertencia ao nosso mundo. Transitava entre o adulto e a eterna criança, entre surpreendentes laivos de sabedoria que emergiam do mais recôndito de seu ser. Mas, acima de tudo, era um ingênuo – puro, cristalino (sim; meu menino de alabastro).

Criativo, tinha suas manias bem, bem peculiares: um senso de organização fanático – seu guarda-roupa era programado de segunda a domingo, semana após semana. E a mania de me escrever bilhetes, com quadradinhos para as respostas em sugestões de múltipla escolha, a meu critério – como esta por ocasião de seu aniversário:

"Mãe – Para meu aniversário. Marque um X na resposta certa:

( ) Festa junina no quintal

( ) Rádio novo

( ) Churrasco no terraço

( ) Pizzaria com amigos

Que mundo abraçaria essa criatura adorável e misteriosa?

Até que, num certo fim de semana, só apareceu em casa às cinco da manhã.

– Onde andou, filho? – perguntei, preocupada.

– Aconteceu um milagre, mãe: fiquei a noite toda com uma menina.

Era uma forasteira. Surgiu do nada; sem nome, sem endereço.

Fez amizade com o grupo de rapazes na pracinha e, para surpresa de todos, principalmente dele mesmo, ela o escolheu para ficar. "Ficar" era a grande jogada. Todo mundo "ficava", menos ele. O inacreditável acontecera! Ele, que já estava conformado com sua solidão, de repente lhe cai uma nos braços – por livre e espontânea apetência.

Desfilaram de mãos dadas, mão no ombro, pra lá pra cá, como toda gente normal. Com um sorriso iluminado, exibia sua conquista, a autoestima reconquistada. Finda a noite, começo do dia, a menina se foi – sem nome, sem endereço. Esfumou-se na madrugada com a névoa da manhã. O sonho ficou, marcado a ferro e fogo no peito arfante, no peito infante. Era possível!

Todo fim de semana a chegada do ônibus era alvo de todo seu interesse. A cor laranja do ônibus acendia-se em luzes. No ronco do motor, promessas. Um vulto de mulher – quem sabe, ela? – detonava em seu peito uma rajada de palpitações.

Dois meses. Dois meses durou o sonho. O sobe-desce das tocaias e desencantos, ansiedades e frustrações – e a esperança ainda. Mesmo que a flor da noite fenecesse à aurora, renascia viçosa em cada entardecer. E em cada entardecer – qual *galetto al primo canto* – se emplumava e ensaiava seu canto.

Dois meses são, no mínimo, mil quatrocentas e quarenta horas; sete milhões, setecentos e setenta e seis mil pulsações que se multiplicavam em seu expectante coração – um coração tão incandescente que, quando ele bebia água, chiava.

Dois meses se passaram. Até que...

O ônibus laranja, luminescente, avultou na rua. Gritou buzina, roncou estardalhaço – alvíssaras! Dentro, um vulto metamorfoseou-se em luz – certeza: era ela!

Ela, ela, ela pulsando-lhe nas têmporas, nas veias dilatadas pela corrida, no coração a galope, subjugando-o. Ela!

Nem gesto, nem palavra. Só um olhar – frio, fino, fundo, fulminou em segundos a candura do menino/homem … perplexo!

Estilhaçou-se o delicadíssimo cristal.

A caixinha de veneno para formigas foi encontrada na praia. Vazia.

Chamada às pressas ao hospital, vejo-o, através da vidraça da UTI. Muito pálido! Não posso sequer tocá-lo. Colo as mãos espalmadas no vidro gelado que nos separa – quisera trespassá-lo. Há um cheiro de éter no ar. Tudo parece irreal e enevoado.

Procuro em minha bolsa, com dedos nervosos, lápis e papel... e, com meu amor pulsando-me nas têmporas, nas veias dilatadas, no coração aflito, escrevo, num bilhete de múltipla escolha:

"Volta Schumi (... o apelido do coração). Eu tenho propostas para você. Por favor, marque um X na resposta certa:

1. ( ) Viver
2. ( ) Viver
3. ( ) Viver
4. ( ) VIVER!"

---

*Marilena Soneghet é da Academia Espírito-santense de Letras.

Livros e Autores

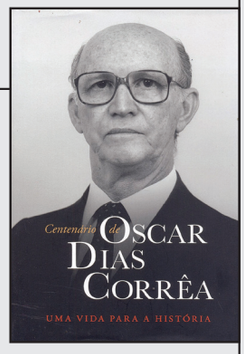
Por Manoela Ferrari manoela.ferrari@gmail.com

A Magia de Cada Começo

A Magia de Cada Começo (Ed. Record, 2022) é uma reunião de textos autobiográficos de Hermann Hesse inéditos no Brasil e traduzidos pela acadêmica Lya Luft. Um dos nomes mais representativos da literatura alemã, o prêmio Nobel de Literatura *é* autor de clássicos como *O Lobo da Estepe*, *Demian* e *Sidarta*. Só no Brasil, o escritor já vendeu mais de 500 mil exemplares.

Usando os exemplos da própria história de vida, Hermann Hesse descreve em verso e prosa os "estágios do desenvolvimento humano", refletindo sobre a vida da mais tenra infância aos últimos anos, fazendo com que o leitor se reconheça neles. Em textos curtos, o autor percorre as diversas etapas da existência, desde a infância até a maturidade.

Hermann Hesse nasceu em Calw, na Alemanha, em 1877. Começou a vida profissional como livreiro. Aos 21 anos, publicou suas primeiras poesias. Entre suas obras-primas estão *Sidarta* (1922), *O Lobo da Estepe* (1927) e *Narciso e Goldmund* (1930), que com seus poemas, contos e um considerável número de trabalhos de crítica valeram-lhe um lugar muito especial entre os pensadores contemporâneos. Em 1946, ganhou o Prêmio Nobel de Literatura. Hermann Hesse faleceu em 1962, pouco depois da passagem do seu 85º aniversário.



Oscar Dias Corrêa, uma vida para a história

A obra *Centenário de Oscar Dias Corrêa – Uma vida para a história*, da editora Conceito, tem caprichada organização de Jorge Eduardo Gonçalves e Rogério Faria Tavares. O perfil biográfico é do escritor João Carlos Firpe Penna.

O livro é uma enorme contribuição para o resgate da memória cultural e política do país. A publicação traz imagens com fotos inéditas que registram momentos fundamentais da trajetória de Oscar Dias Corrêa, tanto em sua atuação política, quanto em sua vida pessoal. No final do volume, há diversos depoimentos de amigos, como Antônio Celso Alves Pereira, Francisco Rezek e Ronaldo Costa Couto. Alusivos ao seu centenário de nascimento, completam o livro os textos de Angelo Oswaldo de Araújo Santos (que sucedeu a Oscar na AML), Carlos Mário da Silva Velloso, José Sarney e Yves Gandra da Silva Martins.

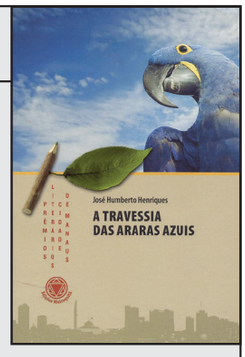
O saudoso acadêmico Oscar Dias Corrêa nasceu em Itaúna, Minas Gerais, em 1º de fevereiro de 1921. Foi o quarto ocupante da Cadeira nº 28 da Academia Brasileira de Letras, na sucessão de Menotti Del Picchia. Exerceu uma extensa carreira na política brasileira. Atuou como ministro do STF, foi deputado estadual e federal por Minas Gerais, ministro da Justiça do governo José Sarney e presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

Jean Mermoz

O livro *Jean Mermoz*, de Roberto da Silva, reconstitui a vida fascinante do pioneiro da aviação postal francesa, desde sua infância humilde, no interior da França. Trata-se da primeira biografia do lendário piloto publicada em português. Fruto de oito anos de intenso trabalho, entre pesquisas e elaboração, o autor registra, entre outros feitos, os 90 anos da primeira travessia transatlântica de Jean Mermoz em voo direto.

Ao longo de 724 páginas, divididas em 35 capítulos, o resultado é uma obra de fôlego, retratando os feitos desse herói nacional francês, que teve Natal (RN) entre suas escalas na trajetória, notabilizando-se por sua inteligência, conhecimento técnico e coragem. Sobreviveu a acidentes no deserto sírio e em Rio de Oro, no então Saara Espanhol, nas águas do Mediterrâneo, na Cordilheira dos Andes e na floresta virgem no Brasil.

O autor potiguar Roberto da Silva nasceu em Pedro Velho (RN), em 1956. É graduado em Letras pela UFRN e mestre em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Ingressou na antiga Escola Técnica Federal da Paraíba, em 1993, onde lecionou até se aposentar. É autor de vários livros, entre eles: *Ruídos na Cristaleira: Cheiros e vozes do tempo – Uma análise do transitório em Rachel Jardim* (1996) e *Flama Serena – Cartas de Luís da Câmara Cascudo a João Lyra* (2005).

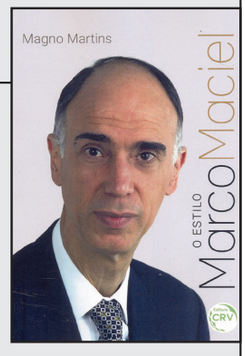


A Travessia das Araras Azuis

Vencedor do Prêmio Manaus de Literatura, na categoria romance, no ano de 2012, *A Travessia das Araras Azuis* (Edições Muiraquitã) faz um giro na apresentação de seus motivos e transfere o pano de fundo da obra romanesca para o estado da Paraíba. Com uma escrita primorosa, de natureza introspectiva e com um estilo denso, José Humberto Henriques apresenta, em 50 capítulos, uma obra muito original em sua forma de contar experimentos, com personagens fortes e instigantes.

Na apresentação, o ex-prefeito de Manaus, Amazonino Mendes, ressalta a importância da promoção de ações que incentivem as atividades artísticas e propiciem o "florescer de novos talentos": "Os Prêmios Literários Cidade de Manaus" foram criados com essa finalidade, ser um estímulo para os artistas da palavra. Com o objetivo de atender a diversidade dos talentos e da criação literária, contempla os principais gêneros – romance, ensaio, teatro, poesia, conto, crônica, entre outros."

José Humberto Henriques nasceu em 1958, no município de Brejo Bonito, região rural do Alto Paranaíba, no Estado de Minas Gerais. Médico e professor, tem mais de 30 livros publicados e mais de cem outros volumes prontos, em todos os gêneros da literatura, da poesia à dramaturgia, passando pela crônica, conto, novela, romance e ensaio.



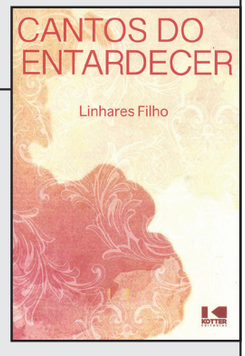
O Estilo Marco Maciel

O Estilo Marco Maciel (Ed. CRV, 2023), de Magno Martins, revela, com leveza e objetividade, os bastidores inéditos que o múltiplo acadêmico e político Marco Maciel viveu em mais de 50 anos de vida pública, servindo ao Brasil e, particularmente, a Pernambuco, estado que governou.

Na apresentação, o jornalista Marcelo Tognozi ressalta a elegância do biografado: "Deixou sua marca na política construindo a paz, num Brasil onde a guerra pelo poder sempre foi movida a ódio e rancor."

No prefácio, o ex-governador de Santa Catarina, ex-senador e ex-ministro da Educação Jorge Bornhausen não economizou elogios ao amigo Marco Maciel: "Inteligente, culto, educado, atencioso e trabalhador, teve uma atuação notável e exitosa em Pernambuco e no Brasil." Marco Maciel ocupou todos os cargos públicos de projeção que um político almeja. Ocupou por mais de 80 vezes a Presidência da República interinamente, sendo considerado por FHC como o vice-presidente do sonho de qualquer presidente.

Magno Martins, bacharel em jornalismo, pós-graduado em Ciências Políticas, tem mais de 40 anos de profissão. Editor do Blog do Magno, pioneiro no Nordeste, com 17 anos de funcionamento ininterruptos e de maior visibilidade na Região, também criou a Rede Nordeste de Rádio, com mais de 40 emissoras em quatro estados do nordeste.



Cantos do Entardecer

Cantos do Entardecer (Kotter Editorial, 2023), coletânea de poesias de Linhares Filho, intensifica o itinerário poético do autor. Os últimos acontecimentos relevantes na vida do país e do mundo levaram o autor a sair do lirismo puro, sua principal atitude, para envolver-se também no chamado "lirismo comunitário", ligando o interesse pelo efêmero ao da abordagem do eterno. O leitor encontrará, ao longo das 142 páginas da obra, sentimentos cívico-patrióticos e religiosos, além do existencial ontológico e telúrico.

José Linhares Filho é poeta e ensaísta crítico, foi professor Titular de Literatura Portuguesa na Universidade Federal do Ceará (UFC), em cujo Mestrado de Letras foi coordenador e lecionou as Literaturas Portuguesa e Brasileira. Foi pesquisador na Universidade Clássica de Lisboa e professor visitante nas Universidades de Colônia e Técnica de Aachen (Alemanha). Mestre e doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Membro da Academia Cearense de Letras e da Academia de Letras e Artes do Nordeste. Prêmio Estado do Ceará de Ensaio e de Poesia. Colaborador de várias revistas nacionais e internacionais. Detentor do Diploma do Mérito Cultural, concedido pela Academia Brasileira de Filologia (Rio de Janeiro). Presidente de Honra da Academia Lavrense de Letras. Comendador da Ordem do Mérito Cultural Ideal Clube. Professor Emérito da UFC. Príncipe dos Poetas Cearenses.

O *Livro do Desassossego* (e do metaverso) de Pessoa

Por Edmílson Caminha*

Vem de longe minha relação com Fernando Pessoa. Aluno de literatura do professor Brandão, na terceira série do segundo grau do Colégio Cearense, em Fortaleza, escolho o texto para o trabalho de conclusão do curso, os versos de "Aniversário", do heterônimo Álvaro de Campos:

> No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,
> Eu era feliz e ninguém estava morto.
> Na casa antiga, até eu fazer anos era uma tradição de há séculos,
> E a alegria de todos e a minha estava certa com uma religião qualquer.
> (...)

Meses depois, submeto-me, na Universidade Federal do Ceará, ao vestibular para a Faculdade de Medicina. Abro o caderno da prova de língua portuguesa que tem, como texto-base... o "Aniversário", que eu sabia de cor! Respondi a todas as questões em menos de uma hora, e tive de esperar outra para poder sair da sala. Cruzei os braços, apoiei a cabeça e só não dormi porque o fiscal me veio perguntar se estava sentindo alguma coisa. "Alegria!", tive vontade de responder, certo de que não errara nada... E assim foi.

• • •

Leio agora, da primeira à última página, o *Livro do Desassossego* (São Paulo: Companhia das Letras, 1999), "composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa", como se lê no subtítulo. Poucas obras impressionam, pela substância humana, pela profundidade do pensamento, pelo primor literário quanto essa criação de Fernando Pessoa, daqueles monumentos com a grandeza do *Guerra e Paz* de Tolstói, da *Recherche* de Proust, do *Ulisses* de Joyce. E começa por inquietar a partir do gênero: ficção? ensaio? memória? ou tudo ao mesmo tempo? Para Richard Zenith, biógrafo de Pessoa, organizador e apresentador da edição brasileira,

> o que temos aqui não é um livro mas a sua subversão e negação, o livro em potência, o livro em plena ruína, o livro-sonho, o livro-desespero, o antilivro, além de qualquer literatura (...). Um não-livro dentro da não-Biblioteca (...). Nenhuma obra de Pessoa interagiu tão intensamente com o resto do seu universo (...). Jamais outro escritor conseguiu passar, de modo tão direto e nítido, a sua alma para a folha escrita. O *Livro do Desassossego* é uma fotografia estranhíssima, feita com palavras, a única matéria capaz de captar os recessos da alma aqui revelada.

Segundo o próprio autor, Bernardo Soares é um semi-heterônimo, "aparece sempre que estou cansado ou sonolento, de sorte que tenha um pouco suspensas as qualidades de raciocínio e de inibição (...). É um semi-heterônimo porque, não sendo a personalidade a minha, é não diferente da minha, mas uma simples mutilação dela". Para o biógrafo José Paulo Cavalcanti Filho, Soares é o melhor de Fernando Pessoa, "e, sobretudo para os leitores mais exigentes, ali está o gênio em seu mais alto nível. Assim o tenho". Nele, há muito do escritor: Bernardo tem emprego de guarda-livros da Casa Vasques & Cia, como Fernando era correspondente comercial na Casa Moitinho de Almeida. Ambos vivem modestamente, obscuramente, moram em pequenos quartos no centro de Lisboa, de onde saem pela manhã e para onde voltam ao cair da noite, a caminhar por ruas em que se sentem em comunhão com anônimos tão simples quanto eles, e até com coisas tão pequenas que a maioria nem percebe, mas causadoras de quase epifanias para Soares:

> Quanto não me provoca na alma de sonhos e amorosas delícias a mera existência insignificante dum alfinete pregado numa fita! Triste de quem não sabe a importância que isso tem! (...) Benditos sejam os instantes, e os milímetros, e as sombras das pequenas coisas, ainda mais humildes do que elas!

Em poucos livros, mostra-se tão lúcido o sentimento da insignificância do ser e do viver, transformado em reflexões que enlevam pelo apuro da linguagem e pela beleza do estilo:

> Quem vive como eu não morre: acaba, murcha, desvegeta-se. O lugar onde esteve fica sem ele ali estar, a rua por onde andava fica sem ele lá ser visto, a casa onde morava é habitada por não-ele. É tudo, e chamamos-lhe o nada; mas nem essa tragédia da negação podemos representar com aplauso, pois nem ao certo sabemos se é nada, vegetais da verdade como da vida, pó que tanto está por dentro como por fora das vidraças, netos do Destino e enteados de Deus, que casou com a Noite Eterna quando ela enviuvou do Caos que nos procriou.

Ideias que ganham força pelo emprego da antítese, da contradição, do oximoro:

> Tanto tenho vivido sem ter vivido! Tanto tenho pensado sem ter pensado! Pesam sobre mim mundos de violências paradas, de aventuras tidas sem movimento. Estou farto do que nunca tive nem terei, tedionto de deuses por existir. Trago comigo as feridas de todas as batalhas que evitei. Meu corpo muscular está moído do esforço que nem pensei em fazer.

Recursos a que também se deve a antológica definição de uma das marcas do *Livro do Desassossego*, com engenho e arte à altura de Camões:

> O tédio... Pensar sem que se pense, com o cansaço de pensar; sentir sem que se sinta, com a angústia de sentir; não querer sem que se não queira, com a náusea de não querer – tudo isso está no tédio sem ser o tédio, nem é dele mais do que uma paráfrase ou uma translação. É, na sensação direta, como se de sobre o fosso do castelo da alma se erguesse a ponte levadiça, nem restasse, entre o castelo e as terras, mais que o poder olhá-las sem as poder percorrer. Há um isolamento de nós em nós mesmos, mas um isolamento onde o que separa está estagnado como nós, água suja cercando o nosso desentendimento. (...) O tédio é a falta de uma mitologia. (...) Sim, o tédio é isso: a perda, pela alma, da sua capacidade de se iludir, a falta, no pensamento, da escada inexistente por onde ele sobe sólido à verdade.

Sobre o idioma em que escrevemos, Bernardo Soares discorre com graça e leveza:

> Minha pátria é a língua portuguesa. (...) Ofende-me o entendimento de que um homem seja capaz de dominar o Diabo e não seja capaz de dominar a língua portuguesa. Por que há o comércio com os demônios de ser mais fácil que o comércio com a gramática? Quem, através de longos exercícios de atenção e de vontade, consegue, conforme diz, ter visões astrais, por que não pode, com menor dispêndio de uma coisa e de outra, ter a visão da sintaxe? Que há no dogma e no ritual da Alta Magia que impeça alguém de escrever, já não digo com clareza, pois pode ser que a obscuridade seja da lei oculta, mas ao menos com elegância e fluidez, pois no próprio abstruso os pode haver? Por que há de gastar-se toda a energia da alma no estudo da linguagem dos Deuses, e não há de sobrar um reles bocado com que se estude a cor e o ritmo da linguagem dos homens? (...) O ter tocado os pés de Cristo não é desculpa para defeito de pontuação.

A décadas de distância do movimento que hoje se nomeia LGBTQIA+, Pessoa, com agudeza, já era sensível às questões de gênero:

> Suponhamos que vejo diante de nós uma rapariga de modos masculinos. Um ente humano vulgar dirá dela, "Aquela rapariga parece um rapaz". Um outro ente humano vulgar, já mais próximo da consciência de que falar é dizer, dirá dela: "Aquela rapariga é um rapaz". Outro ainda, igualmente consciente dos deveres da expressão, mas mais animado do afeto pela concisão, que é a luxúria do pensamento, dirá dela: "Aquele rapaz." Eu direi: "Aquela rapaz", violando a mais elementar das regras da gramática, que manda que haja concordância de gênero, como de número, entre a voz substantiva e a adjetiva. E terei dito bem: terei falado em absoluto, fotograficamente, fora da chateza, da norma e da quotidianidade. Não terei falado: terei dito.

Estava, mesmo, adiante do seu tempo, ao escrever, *avant la lettre*, sobre a realidade virtual, o metaverso, conceitos filosófico-científicos cujas fontes primeiras nos remetem à caverna de Platão. Que vem a ser o que julgamos real? E se tudo não passar de um sonho, sem que disso tenhamos consciência? Matéria fascinante (e assustadora) da trilogia *Matrix*, clássicos do cinema contemporâneo escritos e dirigidos pelas irmãs Lilly e Lana Wachowski, tema que já inquietava o autor português:

> Às vezes, em plena vida ativa, em que, evidentemente, estou tão claro de mim como todos os outros, vem até à minha suposição uma sensação estranha de dúvida; não sei se existo, sinto possível o ser um sonho de outrem, afigura-se-me, quase carnalmente, que poderei ser personagem de uma novela, movendo-me, nas ondas longas de um estilo, na verdade feita de uma grande narrativa. (...) E sei eu se não sou eu o sonho e tu a realidade, eu um sonho teu e não tu um sonho que eu sonhe?

Chega-se à última página do *Livro do Desassossego* entre a emoção e a melancolia: emoção de haver lido uma grande obra da literatura mundial, em todos os tempos; melancolia por, talvez, nunca mais viver experiência semelhante. Esse, o legado maior de Fernando Bernardo Soares Pessoa, gênio que, mais do que destinado à literatura, sabia-se para sempre condenado a ela:

> Para mim, escrever é desprezar-me; mas não posso deixar de escrever. Escrever é como a droga que repugno e tomo, o vício que desprezo e em que vivo. Há venenos necessários, e há-os sutilíssimos, compostos de ingredientes da alma, ervas colhidas nos recantos das ruínas dos sonhos, papoilas negras achadas ao pé das sepulturas dos propósitos, folhas longas de árvores obscenas que agitam os ramos nas margens ouvidas dos rios infernais da alma.
> Escrever, sim, é perder-me, mas todos se perdem, porque tudo é perda. Porém eu perco-me sem alegria, não como o rio na foz para que nasceu incógnito, mas como o lago feito na praia pela maré alta, e cuja água sumida nunca mais regressa ao mar.

*Edmilson Caminha é membro da Academia Brasiliense de Letras.

Fiandeira – Raquel Naveira

Por Ana Maria Bernardelli*

São palavras de Raquel Naveira na apresentação de sua obra *Fiandeira:*

"Sou uma fiandeira, / Vivo à beira / De tudo aquilo que é frágil, / Que parece fiapo /Ou que está por um fio."

Com essa autodenominação, Raquel Naveira junta-se à longa lista de fiandeiras da literatura universal e, da mesma forma que elas, invoca a figura singular das Deusas Tecelãs que fiam e entrelaçam não só a vida humana, mas também o destino do mundo, pois a poeta sul-mato-grossense sabe-se mulher habilidosa em seu ofício ao fiar, tecer e construir o universo que a rodeia. Sabe que aquilo que é frágil se torna pertinaz; aquilo que está por um fio se torna forte e vigoroso em suas mãos poéticas.

As Moiras, as Parcas, as Nornas, as Weird Sisters, as Valquírias, Penépole, todas são fiandeiras, consideradas arquétipos na literatura, representando simbolismos recorrentes em diferentes obras de diferentes culturas.

As fiandeiras desempenharam um papel crucial na história ao produzir trilhas essenciais para a vida cotidiana e ao transmitir conhecimentos tradicionais de geração em geração. Além disso, sua presença na literatura contribuiu para a construção de significados culturais associados a essa atividade artesanal, enriquecendo o imaginário coletivo ao longo dos tempos.

Ao ler *Fiandeira,* o conjunto dos textos me pareceu uma colcha a ser desvendada quanto à mágica dos bordados tecidos. Cada um dos arabescos poéticos tinha infinitos traçados de infinitas linhas de infinitas cores a mostrar – caminhos de uma realidade física e longos trajetos calçados de sonhos e do fantasioso da autora.

Imbuída pelo fascínio de suas antecessoras, Raquel Naveira teceu o seu mundo dual – realidade e supra realidade, onde fia as emoções, as imagens, os sentimentos compartilhados, as ausências... tudo em inquestionáveis aspectos atemporal e universal.

Embora *Fiandeira* date de 1992, e os tempos modernos sejam outros, Raquel Naveira, fiandeira que é, cria um microcosmo em que as ideias, deliciosamente, se tornam atuais, vivas, pois a autora, com o manejo simbólico, controla o destino de seus personagens a partir do conhecimento do tempo tal as antigas fiandeiras.

Graças à arte da autora, seus poemas e textos em prosa ficam-nos na memória, em um vai e vem constante, seja pelo caráter religioso, existencial, mitológico, de admiração pela terra natal, seus habitantes comuns e/ou personalidades.

Fiandeira é uma obra de formação, pois Raquel Naveira, com sabedoria e significativa dose enigmática, próprias das singulares tecelãs, traz indubitável aprendizado intelectual e emocional ao leitor, ora apresentando orientações, ora reflexões aos perenes mistérios da vida. Por um lado, simboliza a laboriosidade e a importância do trabalho, no caso, o labor com as palavras; por outro lado, configura-se uma evocação do senso de mistério e magia.

Fiandeira é leitura de muitas vezes... É leitura de deleite... É leitura que resiste ao tempo... e quanto mais o tempo passa, mais ela cresce e se agiganta.

Uma obra rica pela presença do trabalho semântico. A autora afirma seu fascínio pelos sinônimos, antônimos, polissemia, pelas figuras de linguagem e pela inserção de vários autores, teóricos e poetas que com ela comungam a devoção à poesia. Quanto a isso, Raquel Naveira se põe de mãos dadas com Adélia Prado e Edgar Allan Poe ao discutirem sobre a presença da tristeza no "tecer" de um poema: a poesia tem a capacidade de encontrar beleza nas emoções mais sombrias; pode ser vista como uma faceta complexa e significativa da experiência humana, e a poesia pode ressaltar essa beleza inerente mesmo nas circunstâncias mais difíceis.

É importante ressaltar que a criação poética não se limita apenas à tristeza. Poetas podem encontrar inspiração em uma variedade de emoções, experiências e temas, e a poesia pode ser um meio de explorar a gama completa da experiência humana, incluindo alegria, amor, esperança e muito mais. Cada emoção traz sua própria riqueza e profundidade para a poesia, permitindo que os poetas expressem a complexidade da vida em suas palavras. O que Raquel Naveira faz com sutil engenhosidade em "Casa da Tristeza":

Moro na casa da tristeza
E da porta estreita
Vejo nascerem flores de melancolia. /
Moro na casa da tristeza
Onde é sempre outono
E o vento varre velhas ruínas...

Como acontece com todos os arquétipos, diferentes autores e culturas podem interpretá-los de maneiras únicas e adicioná-los a suas histórias para transmitir uma variedade de significados e mensagens. O arquétipo da fiandeira continua sendo um tema relevante na literatura moderna, já que suas características atemporais ressoam com os leitores ao longo do tempo.

Raquel Naveira é enfática ao dizer, finalizando sua obra: "Escrever poesias nos dias de hoje pode ser considerada uma tarefa solitária, inútil e insana. Mas garanto-lhes, cheguei ao auge da loucura: vivo de poesia, pela poesia e para a poesia."

Ela se questiona sobre os motivos que a levaram a escrever e desse questionamento surge o poema:

Sou uma fiandeira
Tecendo noite e dia
Uma estreita de pensamentos. /
Sou uma fiandeira
Aranha tirando de dentro
A liga que emaranha. /
Sou uma fiandeira
Amarrando com as mãos firmes
Os laços do meu destino...

O poema "Sou uma fiandeira" explora o processo de reflexão, criação e crença da autora, utilizando a metáfora da fiandeira e da tecelagem para transmitir a complexidade da vida humana e o ato constante de moldar os pensamentos, emoções e destinos – uma resoluta resposta ao questionamento inicial.

Em *Impressões de Viagem* I, II e III, Raquel Naveira expõe sua alma andarilha de poeta – ama viagens... Viajar é como chama incessante alimentada pela inquietude e curiosidade. É essência nômade, que não se satisfaz com fronteiras ou limites, mas anseia por explorar cada canto do mundo e descobrir os segredos que se escondem além do horizonte.

Sonhei que era Maria Antonieta,
Tinha um castelo perfumado
Como uma flor na floresta;
Tinha uma sala de espelhos
E lagos para ver minha silhueta;
in "Maria Antonieta"

Em Madri
Ninguém sabe como é o pôr do sol daqui:
O colorido forte
De um quadro de Goya...
in "Da não existência de pôr-do-sol em Madrid"

... Eu observava a figura de uma mulher portuguesa,
Chale colorido de flores
E imaginava que chamava Maria
E que gostava de dançar o vira...
in "Azeite"

Essa alma andarilha da poeta é uma eterna buscadora de experiências, sedenta por novas paisagens, culturas e encontros. A cada jornada, a poeta enriquece seu ser com a sabedoria que só as vivências podem oferecer. Cada estrada percorrida é uma oportunidade de se conectar com a humanidade em sua diversidade e pluralidade, enxergando as nuances que tornam cada pessoa e lugar únicos.

Sob a pele das palavras dos textos de *Fiandeira,* há uma delicadeza plenamente visível, sem dúvida, vestígio das leituras da infância da autora. Tais histórias têm um papel essencial na formação dos escritores que bebem nessa fonte pura, inocente, límpida. Inspiram sua criatividade, a arte de uma linguagem cativante e acessível. Influência que pode ser vista nas obras da autora direcionadas a leitores de todas as idades.

Se colheres no campo
Os mais brancos malmequeres,
Se com eles fiares na roca do luar,
Se jogares as vestes que teceres
Sobre os ombros de teus pares,
Eles deixarão de ser homens
E voarão como cisnes pelos ares...
in "Tarefa"

O poema "Tarefa" é exemplo dessa capacidade de tratar de assuntos importantes de maneira sensível, permitindo explorar temas profundos, fantasiosos, significativos.

O ato de fiar pode ser uma metáfora da própria vida. Assim como as fiandeiras transformam fibras em fios, a vida é tecida a partir de experiências e escolhas que moldam o destino de cada pessoa. Essa metáfora é frequentemente explorada em obras que abordam temas como o destino, a liberdade de escolha e as consequências de nossas ações. O movimento repetitivo das fiandeiras também pode ser associado ao ritmo do tempo, lembrando-nos da constante passagem dos dias e da inevitabilidade do envelhecimento e da morte. Esse simbolismo é muitas vezes explorado em obras que refletem sobre a transitoriedade da vida e a finitude humana.

Embora Raquel Naveira, conheça todas as entrelinhas do processo, suas dificuldades, suas vitórias, suas ansiedades, ignorou qualquer tipo de "pedra no meio do caminho", ignorou o mundo inóspito atual, ignorou as palavras desgastadas e nuas e criou um cenário com vivacidade e perspicácia em que cantou a plenos pulmões tudo que lhe é querido e valorizado.

Ela sabe que o poeta "é aquele que faz". E fez da melhor maneira de que é capaz. Versejou sobre nomes – quase uma obsessão, salvo pela fé cristalina que coloca em suas observações poéticas. A mulher bíblica, a mulher do campo, as santas e santos, as figuras históricas regionais, escritoras, não são só personagens – todos têm nomes e sobre eles uma existência cantada em rimas e sensibilidade.

O empoderamento de escritoras diante da política, filosofia e sociologia é fundamental para promover a diversidade de perspectivas e vozes nessas áreas do conhecimento. Historicamente, esses campos têm sido dominados por figuras masculinas, e o papel das mulheres foi frequentemente subestimado ou ignorado. No entanto, à medida que as sociedades avançam e reconhecem a importância da inclusão, mais mulheres têm encontrado espaço para se destacar nesses campos e contribuir com suas ideias e visões.

Raquel Naveira é uma dessas a carregar a bandeira!

A diversidade de perspectivas é enriquecedora para o avanço do conhecimento humano, e o empoderamento de escritoras é fundamental para garantir que suas vozes sejam ouvidas e respeitadas em todos os campos do saber, incluindo a política, filosofia e sociologia.

Fiandeira é isso tudo! Uma obra para as gerações jovens conhecerem a essência do ser humano na plenitude de seu companheirismo, olhando todos na mesma direção.

*Ana Maria Bernardelli é membro da Academia Sul-Matogrossense de Letras.

21ª Bienal Internacional do Livro

Por Manoela Ferrari manoela.ferrari@gmail.com

O público compareceu em peso, formando uma verdadeira multidão pelos corredores, estandes e também na Praça dos Autógrafos. Sucesso total.

Fotos: Tomaz Silva/Agência Brasil

Foram dez dias de ruas movimentadas, euforia ao encontrar os autores preferidos, sacolas cheias de livros e um clima de animação diferente nos painéis, que este ano ganharam novos formatos e espaços para melhor experiência de um público apaixonado por histórias. A celebração dos 40 anos da Bienal do Livro Rio – o mais novo patrimônio cultural da cidade – foi grandiosa.

Valiosa por manter o livro no centro da cena cultural brasileira, a Bienal do Livro fechou a edição de 2023 com mais de 600 mil visitantes e 5,5 milhões de livros vendidos durante os dez dias de evento. Com média de 9 livros comercializados por pessoa e gasto médio de R$ 200 por visitante, a Bienal contou com quase 500 editoras, que aproveitaram o clima de celebração de resultados históricos para lançar novos selos.

Dentro da programação da 21ª Bienal Internacional do Livro do Rio, a Academia Brasileira de Letras (ABL) preparou uma pauta diversificada para seu estande, com agenda de conversas entre acadêmicos, jornalistas, cientistas sociais e políticos. A ABL não instalava um estande na Bienal desde 1997. Desta vez, além de um espaço de venda de livros, fez evento em um auditório que recebeu centenas de pessoas. O livro segue como grande protagonista.

O jornalista Ancelmo Gois conversou com o acadêmico Arnaldo Niskier. O bate-papo aconteceu no dia 9 de setembro e lotou o estande, assim como a conversa da véspera do jornalista Roberto D'Avila com o acadêmico Merval Pereira. No dia da abertura da Bienal, o jornalista Pedro Bial conversou com a acadêmica Ana Maria Machado.

"Alegria de escritor é ver a casa lotada de prováveis leitores", disse o escritor baiano e membro da ABL Antônio Torres. Na ciranda literária, dez acadêmicos leram suas próprias obras. Ana Maria Machado, que também havia aberto o evento carioca, leu um capítulo de seu romance *Um Mapa Todo Seu*, de 2015. Torres escolheu um trecho de *Um Táxi para Viena d'Áustria*, de 1991.

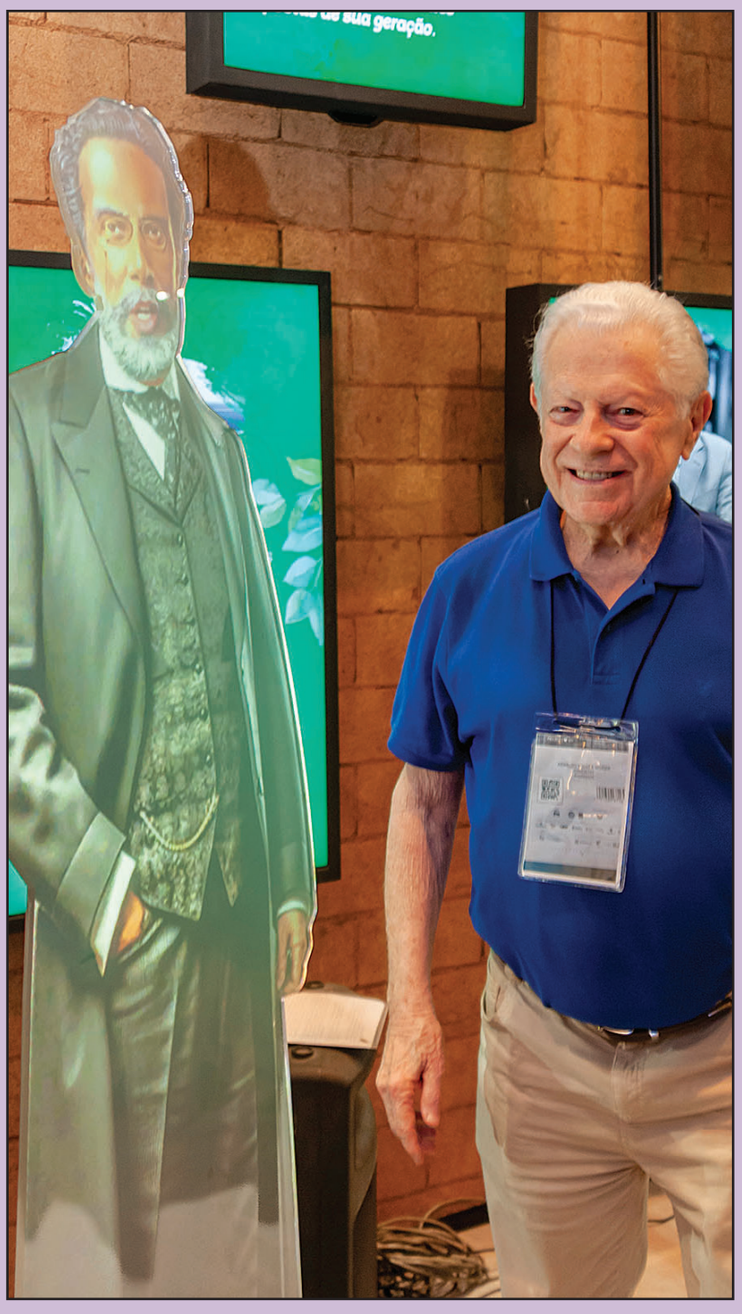
No último dia do evento, uma longa fila se formou para ver de perto os acadêmicos Fernanda Montenegro e Gilberto Gil. A atriz de 93 anos, responsável por apresentar o evento, tomou posse em março do ano passado. Gilberto Gil, 81, foi empossado um mês depois; Gil cantou e tocou violão. Último a ser chamado ao palco, emendou *João Sabino*, *Cérebro Eletrônico* e *Aquele Abraço*, esta acompanhada pelo coro do público.

"Que esse momento literário interessante se reproduza e se junte outros manifestos artísticos e culturais, que se desdobram pelo Rio de Janeiro o tempo todo", disse Gil.

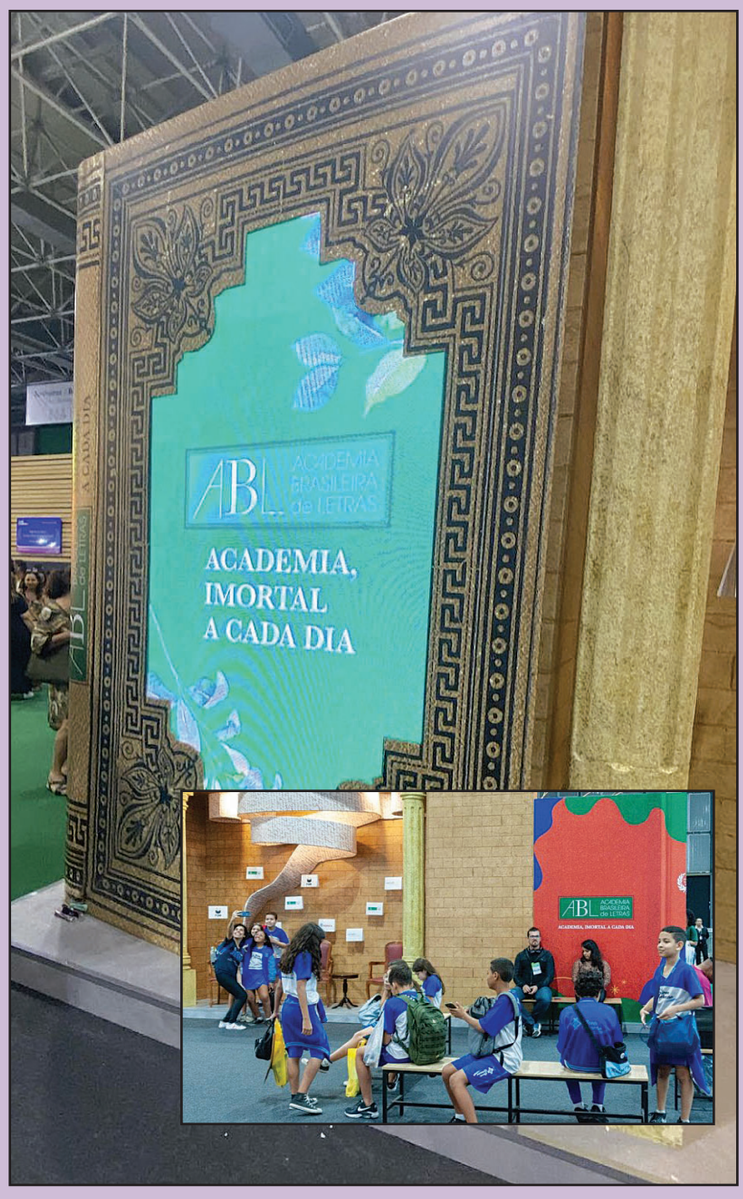
Para o presidente Merval Pereira, a presença da ABL na Bienal do Livro é sinal de que a ABL quer estar cada vez mais próxima das atividades culturais relevantes e, sobretudo, dos cidadãos e dos jovens.

Um holograma de Machado de Assis, primeiro presidente da Casa, recebeu os visitantes do estande, que teve um painel com imagens e informações sobre os 40 Acadêmicos. Além disso, o estande contou com oito telas de led, onde eram mostrados vídeos institucionais e da programação cultural da ABL.

Fotos: Michael Félix e Ana Arruda



O acadêmico Arnaldo Niskier ao lado do holograma de Machado de Assis.



Estande da ABL na Bienal do Livro chamou a atenção também dos jovens.

A Casa Record, localizada no Pavilhão Azul do Riocentro, recebeu o Prêmio Alfredo Machado, oferecido ao estande mais bonito. “É muito simbólico ganharmos esse prêmio no ano em que o grupo Record completa 80 anos”, celebrou Sônia Machado Jardim, presidente do Grupo Editorial Record.

A eleição foi realizada por um júri de 10 arquitetos e cenógrafos. O vencedor ganha o direito de escolher a localização de seu estande na próxima Bienal do Livro Rio, em 2025. Os estandes da editora Intrínseca, da editora Valentina e da Amazon ficaram em segundo, terceiro e quarto lugar, respectivamente.

A acadêmica Fernanda Montenegro fez uma multidão se reunir em fila para assiti-la, na Bienal do Livro.

Estande da Record, eleito o mais bonito da 21ª Bienal do Rio.

Literatura Infantil

Por Anna Maria de Oliveira Rennhack

Visite a nossa página na internet: annarennhack.wix.com/amor

Criança Feliz

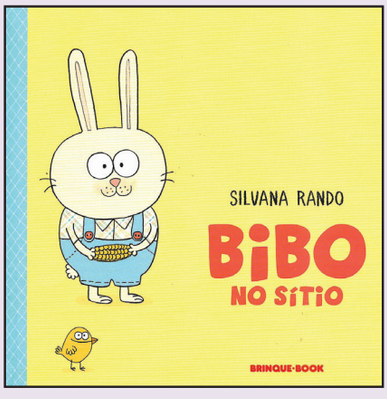
Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: amor.anna2014@gmail.com

Para comemorar o mês das crianças, selecionamos publicações destinadas aos pequeninos. Livros com características próprias, adequados aos ouvintes e leitores que começam a descobrir a alegria das histórias.

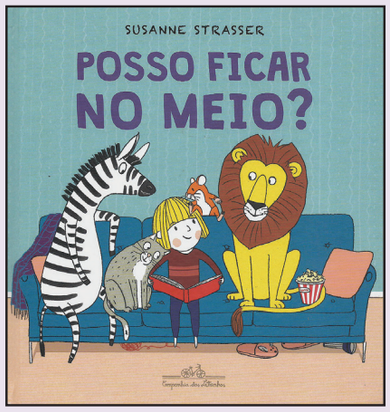
Com situações divertidas, propostas de jogos e brincadeiras, surpresas e divertimento, esperamos que despertem o interesse pela leitura e a busca por novas histórias e que esses leitores iniciantes sejam estimulados por pais, cuidadores e professores atentos.

Lembro um depoimento do querido Bartolomeu Campos de Queirós que, vizinho de uma escola em Belo Horizonte, acompanhava da janela a ansiosa espera dos pequenos para entrar e a mesma ansiedade que ele via nos maiores – para sair da escola. Onde será que esse comportamento se transformou? Que possamos conseguir uma escola onde a garotada queira permanecer, e as atividades de leitura possam ser uma aliada para essa mudança.

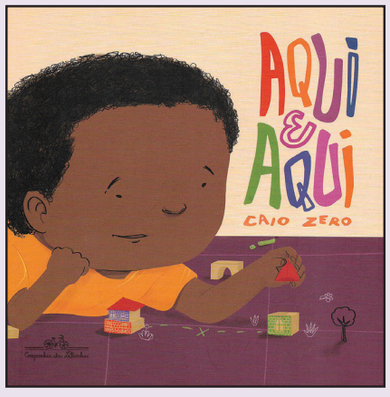
Bibo na Escola e *Bibo no Sítio* (Brinque-Book) – Silvana Rando (texto e ilustrações) é especialista em divertir a garotada com suas histórias. O elefante GILDO já conquistou os leitores em seus vários livros. O coelhinho BIBO apresenta inúmeras situações do seu cotidiano, ampliando as experiências dos pequenos leitores e ouvintes. Com certeza, muitos irão se identificar com as atividades. Os livros são cartonados e com cores vibrantes que ajudam a atrair a atenção e facilitam o manuseio.



Olá, Girafa! (LÊ) – Texto e ilustrações de Maurício Veneza. Um patinho curioso observa ao redor, à procura de uma girafa. Afinal, ele nunca viu uma! Será que vai conseguir encontrá-la? Veneza vem se dedicando à produção de obras para a educação infantil. A leveza dos textos e a beleza das ilustrações – com técnica de recortes –, instigam a observação e divertem. Mais um sucesso!



Posso Ficar no Meio? (Companhia das Letrinhas) – Susanne Strasser ilustrou e escreveu e Julia Bussius traduziu. A criança resolve ler um livro e convida os amigos que logo começam a chegar. Aí vem mais um! Mas, esperem... Quem vem lá? Será que todos vão conseguir acompanhar a história? Uma divertida atividade de leitura que pode ser dramatizada com a garotada. Livro cartonado com ilustrações coloridas que atraem pela chegada de cada um ao grupo.



Aqui e Aqui (Companhia das Letrinhas) – Caio Zero (texto e ilustrações). Como pode? Durmo aqui e acordo lá! Será que os extraterrestres me carregam? Será que existe um portal entre as duas casas? Preciso descobrir o que acontece. Mas... estou com tanto sono! Ao desvendar o mistério, o menino descobre que a verdade é encantadora! Uma situação comum para as mães que trabalham e têm que deixar seus filhos aos cuidados de outra pessoa. Lindo livro! Com certeza algumas crianças irão se identificar com a narrativa.

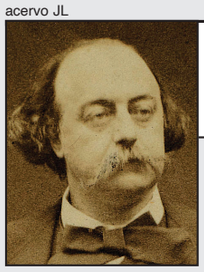
A Panela (Brinque-Book) – Divertimento na certa, que vem se juntar às outras obras da autora: *O Jornal*, *O Lenço*, *A Garrafa*. Simples objetos que se transformam nas mãos mágicas de Patrícia Auerbach. As imagens se sucedem e proporcionam situações criativas e divertidas. Viva uma boa bagunça! Recomendo que coloquem protetores nos ouvidos!

Domingo na Praça (Galerinha – Record) – Dois amigos queridos se reúnem para apresentar uma história divertida e criativa. Leo Cunha escreveu e Marília Pirillo ilustrou. O livro me remeteu à infância. Impossível não pensar na pracinha do bairro (que não existe mais) e nas brincadeiras que realizávamos, todas as manhãs, com os vizinhos. Tudo era muito mais seguro e tranquilo. Subir em árvores, brincar de pique-esconde... e ainda tínhamos a sorte de acompanhar a marcha do batalhão que ensaiava para o desfile de 7 de setembro. Que os pequenos ouvintes e leitores possam contar suas experiências em brincadeiras ao ar livre porque, certamente, muitos irão contar seus domingos... no shopping!

JL BCB Biblioteca Cultural Básica

O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

acervo JL



Gustave Flaubert

(Rouen, 12 de dezembro de 1821 – Croisset, 8 de maio de 1880) Escritor francês. Escreveu grandes romances, tais como *Madame Bovary* (1857), *A Educação Sentimental* (1869), *Salammbô* (1862), mais os seus contos, nomeadamente os *Trois contes* (1877). Estudou no Colégio Real, onde fez amigos para a vida inteira, tais como Louis Boulhiet (1829-1869), poeta; Maxime Du Camp (1822-1894). Em 1846, Flaubert conheceu Louise Collet, iniciando um romance com ela. Nesse período, Flaubert perde o amigo Le Poittevin, companheiro de infância, e sua saúde se abala. Gustave organiza uma longa viagem ao Oriente, entre 1849 e 1852. Em 1851, tem início *Madame Bovary*, obra realista que o tornaria célebre e que levaria 5 anos para concluir. Em 1866, recebe a Legião de Honra do governo francês. Sua mãe morre em 6 de abril de 1872 e, nessa época, passa por dificuldades financeiras. Em 1874, termina e publica a terceira versão de *La Tentation de Saint Antoine* (*A Tentação de Santo Antão* – 1874). Em 1877, aos 55 anos, publica *Trois Contes* (*Três Contos*), volume contendo três novelas: *Un cœur simple*, *Félicité, i*; *La Légende de saint Julien l'Hospitalier*; e *Hérodias*. Pouco antes de sua morte, vende suas propriedades e passa a viver de um salário como conservador da Biblioteca Mazarine. Seus últimos anos são marcados por dificuldades financeiras. Morre subitamente, provavelmente de AVC.

acervo JL

Liliana Chiavetta

Mais conhecida como Liliana Bodoc (Santa Fé, 21 de julho de 1958-Mendoza, 6 de fevereiro de 2018), foi uma escritora e poetisa argentina que se especializou em literatura juvenil e adulta. Com sua trilogia *La Saga de los Confines* revelou o gênero épico e de literatura fantástica. Seus livros foram traduzidos para alemão, francês, holandês, japonês, polonês, inglês e italiano. Seu romance de estreia, *Os dias do Cervo*, primeiro livro da série que a consagrou, conquistou o prêmio da Feira do Livro de Buenos Aires, Prêmio Fantasia, Lista de Honra do Prêmio Anderson e *The Write Ravens*. Sua novela *El Espejo Africano*, obteve o prêmio Barco de Vapor em 2008. Nascida em Santa Fé, aos 6 anos de idade, sua família se mudou para Mendoza porque seu pai foi trabalhar nessa cidade. Estudou Letras na Universidad Nacional de Cuyo e trabalhou como docente de Literatura Espanhola e Argentina na mesma universidade. Faleceu subitamente, provavelmente de ataque cardíaco, em 6 de fevereiro de 2018. Diego Gareca, secretário de Cultura da província de Mendonza foi quem confirmou seu falecimento. Esteve em Cuba para participar da 27ª edição da Feira Internacional do Livro de Havana. A homenageada da edição de 2018 da Feira do Livro de Mendonza foi Liliana Bodoc. Alguns livros: 2000 – *La Saga de Los Confines – Livro 1: Los Días del Venado*; 2002 – *La Saga de Los Confines – Livro 2: Los Días de la Sombra*; 2004 – *La Saga de los Confines – Livro 3: Los Días del Fuego*.

acervo JL

Carlos Ruiz Zafón

(Barcelona, 25 de setembro de 1964 — Los Angeles, 19 de junho de 2020) Escritor espanhol. Em 1993, ganhou o prêmio Edebé de literatura com seu primeiro romance, *O Príncipe da Névoa*, que vendeu mais de 150 mil exemplares na Espanha e foi traduzido em vários idiomas. Nos últimos anos, transformou-se numa das maiores revelações literárias com *A Sombra do Vento*, que foi traduzido em mais de trinta idiomas e publicado em cerca de 45 países, e foi finalista dos prêmios literários espanhóis Fernando Lara 2001 e Llibreter 2002. Em Portugal, essa obra foi premiada com as Correntes d'Escritas, do ano de 2006. Seu romance *O Jogo do Anjo*, escrito em 2008, teve mais de um milhão de exemplares vendidos na Espanha. Esses números colocam Zafon como o mais bem-sucedido escritor contemporâneo espanhol, junto com Javier Sierra, cujos trabalhos foram publicados em quarenta e dois países, e Juan Gómez-Jurado, cujos trabalhos foram publicados em quarenta e um países. Zafón também colaborou nos jornais espanhóis *La Vanguardia* e *El País*. O livro *A Sombra do Vento* já ultrapassou a marca dos dez milhões de exemplares vendidos em todo o mundo desde o seu lançamento, em 2001. Morreu aos 55 anos, em decorrência de um câncer. Bibliografia: *Trilogia da Névoa* (Juvenil); 1. *El Príncipe de la Niebla* (1993); 2. *El Palacio de la Medianoche* (1994); 3. *Las Luces de Septiembre* (1995). Série Cemitério dos livros esquecidos (Adulta): 1. *La Sombra del Viento* (2001); 2. *El Juego del Ángel* (2008); 3. *El Prisionero del Cielo* (2011); 4. *El Laberinto de los Espíritus* (2016).

Um tiro contra o Imperador

Por Nelson Valente*

No dia 14 de julho de 1889, o centenário da Revolução Francesa foi devidamente comemorado no Rio de Janeiro. Mas as festas tiveram inesperado desfecho: um tiro no Imperador D. Pedro II. O Imperador, sua consorte e a Princesa Isabel deixavam o Teatro Santana, no Rio de Janeiro, após assistirem a um concerto, quando ecoaram brados de Viva a República. Este primeiro incidente não teve maiores consequências. Quando a carruagem passava, pouco à frente, diante da *Maison Moderne* – o restaurante da predileção dos literatos da Corte – é disparado, em sua direção, um tiro de revólver, que se perde, sem atingir o veículo, seus ocupantes ou os batedores. Perpetrara-se um atentado contra o monarca.

O centenário daquele acontecimento, que se comemoraria a 14 de julho de 1889, tornou-se o marco de grandes eventos. Até essa data, por exemplo, todos os adeptos da República deveriam ter libertado seus escravos. A Lei Áurea, porém, frustrou-lhes os objetivos. Contudo, celebraram a efeméride e, como em outras solenidades, fizeram executar a Marselhesa, para desespero dos monarquistas. A ojeriza destes pelo hino francês, que lhes sabia como deboche, está expressa no propósito manifestado por candidato conservador de, se a sorte sorrisse aos republicanos, no derradeiro pleito eleitoral travado no Império, refugiar-se em sua fazenda, para não ouvir os acordes provocativos daquela música.

Inesperada também foi a decisão do júri, que julgou o autor do atentado.

O autor (Adriano do Vale, português de 21 anos de idade) do atentado foi preso – a grande maioria do júri decidiu pela negativa do fato, absolvendo-o.

O julgamento marcou-se para 23 novembro: Os jurados eram 12 e o réu foi absolvido por 10 votos. Estava repleta a sala do júri, por ocasião do julgamento de Adriano do Vale. Falaram o promotor público Lima Drummond, o curador Otoni e o defensor Ferreira Lima. Não houve réplica. E, não obstante o réu ter confessado amplamente o crime. Coisas do júri, dir-se-á. Um fato provado e confessado resulta inexistente, pela decisão dos jurados.

O 14 de julho foi, portanto, comemorado com efusão ruidosa, em que se misturavam a Marselha e os vivas à República. E, tudo isso, sem a mínima interferência policial, diante da mais absoluta complacência das autoridades. As manifestações hostis ao governo e ao regime tinham cunho rotineiro, durante o Segundo Reinado. Foi assim que, a 15 de julho de 1889, no dia seguinte ao que festejara o centésimo aniversário da Queda da Bastilha, emprestando-lhe um cunho de grande acontecimento republicano, Pedro II e membros da Família Imperial foram envolvidos em atos afrontosos. Herdando um Império no limiar da desintegração, Pedro II transformou o Brasil numa potência emergente na arena internacional.

O reinado de Pedro II veio a um final incomum – ele foi deposto apesar de altamente apreciado pelo povo e no auge de sua popularidade.

Ele não permitiu qualquer medida contra sua remoção e não apoiou qualquer tentativa de restauração da monarquia. Passou os seus últimos dois anos de vida no exílio na Europa, vivendo só e com poucos recursos.

Algumas décadas após sua morte, sua reputação foi restaurada e seus restos mortais foram trazidos de volta ao Brasil como os de um herói nacional. Sua reputação perdurou até o presente. Os historiadores o enxergam numa visão extremamente positiva, sendo considerado por vários o maior brasileiro.

Segundo o professor doutor Arnaldo Niskier: "Quando se debate o que deve ser lecionado aos nossos alunos, a partir de uma nova concepção de currículo, a variedade é imensa. Na discussão em torno do assunto, a imaginação é o limite. Chegamos ao absurdo de ler propostas de cortar episódios como a Inconfidência Mineira e a revolução Farroupilha, sob o pretexto de que não contém elementos indígenas ou afrodescendentes em número expressivo. Querem reescrever a nossa história, como se isso fosse possível. Alguns professores defenderam a tese de que devemos abandonar os estudos das nossas matrizes eurocêntricas, o que atingiria a língua portuguesa, a sua literatura, e também a história do Brasil. Como abrir mão de tanta riqueza cultural?"

*Nelson Valente é professor universitário, jornalista e escritor.

Desenharte

Por Zé Roberto

zerobertograuna@gmail.com

Cida Calu

Desenhista de humor, ilustradora e infografista, a talentosa Maria Aparecida Valverde, a Cida Calu, é uma artista que marcou época no mercado editorial do Rio de Janeiro. Nascida na cidade de Salvador, Bahia, é formada em Desenho Industrial pela Faculdade da Cidade e, como publicitária, pela Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM; com passagens por duas agências da cidade, quando foi chefe de artes da Victory Comunicação Visual e da Agência Eikon.

Em 1995, passou a fazer parte da equipe de artes do jornal *O Globo*, quando atuou como desenhista e infografista, tornando-se a mais frequente ilustradora da coluna do escritor e dramaturgo Mauro Rasi (1949/2003), além de ter desenhado também para os textos de Artur Xexéo (1951/2021) e Arthur Dapieve, atuação que possibilitou importante premiação concedida pela Society News Design por suas ilustrações que marcaram a história do jornal por consideráveis 14 anos. Paralelamente, seus trabalhos foram publicados na revista *Piauí* e em publicações das editoras Objetiva e Ediouro, e foi, por quatro anos, a responsável pelas peças promocionais da pizzaria Parmê. Entre os anos de 2010 a 2014, Cida Calu trabalhou na redação do jornal *O Dia*, para o qual produziu ilustrações e infográficos. Depois, foi para o site *Globo Esporte*, da Rede Globo, onde atuou na programação visual de diversos projetos da empresa, permanecendo por lá até meados de 2017.

A desenhista faz parte do coletivo *Elas por Elas – As Desenhistas Brasileiras*, e marcou presença na mostra coletiva *As Atletas Brasileiras por Nossas Artistas*, exposição que aconteceu na Sala de Cultura Leila Diniz, Niterói, em julho e agosto de 2016, evento que aconteceu durante os Jogos Olímpicos, no Rio de Janeiro, e contou com as participações de 44 artistas de diversas regiões do Brasil. Na oportunidade, Cida Calu apresentou uma bela ilustração em homenagem à ginasta Daiane dos Santos.

Contatos com a artista podem ser feitos pelo Instagram, no perfil: @cidacalu.

A ginasta Daiane dos Santos.

Candido Portinari.

Mauro Rasi.

Ilustração para textos de Arthur Dapieve.

Angelo Venosa na Casa Roberto Marinho

Por Manoela Ferrari

Fotos: divulgação.

Angelo Venosa. Sem título, 1986. madeira, tecido e tinta emborrachada. 220x89x40 cm. Coleção João Sattamini, Museu de Arte Contemporânea de Niterói.

A obra de um dos maiores expoentes da arte contemporânea brasileira pode ser apreciada até o dia 12 de novembro, na Casa Roberto Marinho. A mostra panorâmica Angelo Venosa, escultor, sob a curadoria de Paulo Venancio Filho, ocupa os 1.200m² de área expositiva do instituto cultural no Cosme Velho, Zona Sul do Rio de Janeiro, reunindo 85 trabalhos de um arco temporal que vai do início da década de 1970 às últimas obras realizadas em 2021.

De acordo com o curador, que acompanhou a trajetória artística de Angelo Venosa (São Paulo, 1954 – Rio de Janeiro, 2022) desde os primórdios, a exposição apresenta um amplo panorama de sua produção absolutamente singular. E revela a complexidade de seu pensamento escultórico expresso em obras de grandes dimensões ou de pequeno formato, construídas a partir de materiais diversificados, que caracterizam seu processo criativo.

Sem obedecer a uma cronologia linear, o curador selecionou esculturas suspensas, de parede ou de chão. Provenientes de acervos institucionais e de coleções particulares, as peças se espalham pelo espaço, emergem horizontalmente ou exploram a verticalidade, incorporando luz e sombra como parte do projeto, e revelando uma inusitada investigação da estrutura e da forma.

"Fiz questão de colocar, lado a lado, trabalhos de diferentes períodos, tamanhos e volumes. Cada sala tem uma unidade que se comunica com o todo. A proposta é apresentar o conjunto com certa liberdade, sem pautá-lo por eixos temáticos, deixando que o espectador encontre suas próprias referências a partir da multiplicidade de significados e inquietações que as obras evocam", informa Venancio Filho.

A radicalidade experimental que marca a produção de Venosa manifesta-se em cada trabalho. Em sua poética, materiais recorrentes à prática da escultura tradicional, como o bronze, o mármore, o aço e a madeira, se fundem a ossos, dentes de boi, piche, areia, cera de abelha, bandagem, filamentos de café, galho de árvore, breu, fibra de vidro, gesso, tecido e arame.

Apesar do aspecto eminentemente artesanal de sua obra, o escultor sempre esteve atento às tecnologias digitais e, a partir de um determinado período, incorporou a impressora 3D à sua prática, sem deixar de lado os meios tradicionais.

A panorâmica apresenta os trabalhos negros do início da carreira – estruturados a partir de madeira, tecido e tinta – em diálogo com a produção recente, estabelecendo relações plásticas entre as peças. Um autorretrato em xilogravura, de 1972, é a obra mais antiga em exibição. No térreo, há um espaço dedicado aos desenhos, anotações e esboços do artista, que tinha grande fluência no traço. Completa a seleção uma série de retratos em acrílica sobre papel produzida por Luiz Zerbini, grande amigo de Venosa. A mostra contempla, ainda, uma cronologia ampliada organizada por Ileana Pradilla Ceron.

Angelo Venosa. Sem título, 1993. Parafina, pigmento e dentes de boi. 5,7 x 57,5 Ø cm. Coleção Gilberto Chateaubriand, MAM Rio.

Angelo Venosa. Sem título, 2000. MDF e tinta ferrosa. 84 x 290 x 0,2 cm. Coleção Fundação Casa de Rui Barbosa.

Angelo Venosa. Sem título, 2018. Madeira, tecido, fibra de vidro e resina. 303 x 130 x 55 cm. Coleção particular.

Sobre o artista

Angelo Augusto Venosa nasceu em São Paulo, em 1954. Em 1973, frequentou a Escola Brasil, espaço experimental de ensino de arte. No ano seguinte, transferiu-se para o Rio de Janeiro, cidade que elegeu para morar até o fim da vida, para estudar na Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI-UERJ).

Graduou-se bacharel em desenho industrial em 1977, ano em que se casou com Sara Grosseman, sua colega de faculdade, com quem teve dois filhos.

Na década de 1980, assistiu a cursos livres na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, epicentro da cultuada "Geração 80", marcada pela retomada da pintura. Venosa se distinguiu de seus contemporâneos por ter se dedicado à escultura. Em 2007, defendeu a dissertação de mestrado "Da Opacidade", na Pós-graduação da Escola de Belas Artes da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro).

Sua trajetória inclui passagens pela Bienal de São Paulo (1987), Arte Brasileira do Século XX (1987, Musée d'Art Moderne de La Ville de Paris), Bienal de Veneza (1993) e Bienal do Mercosul (2005).

Em 2012, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro consagrou-lhe uma exposição individual em comemoração aos 30 anos de carreira, que seguiu em itinerância para a Pinacoteca de São Paulo, o Palácio das Artes em Belo Horizonte e Mamam, em Recife.

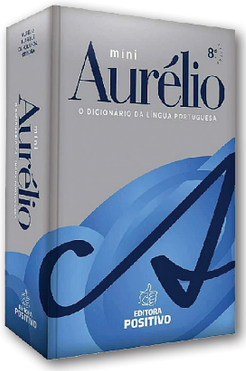
Algumas de suas esculturas em escala monumental estão instaladas em espaços públicos como os jardins do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e do Museu de Arte Moderna de São Paulo. A Pinacoteca do Estado de São Paulo (Jardim da Luz), a Praia do Leme e o Museu do Açude, ambos no Rio de Janeiro, também exibem obras permanentes. Bem como a cidade de Santana do Livramento, no Rio Grande do Sul, e o Parque José Ermírio de Moraes, em Curitiba.

SERVIÇO:
Instituto Casa Roberto Marinho
Rua Cosme Velho, nº 1105 – Rio de Janeiro | RJ
Tel: (21) 3298-9449
Visitação: terça a domingo, das 12h às 18h
(Aos sábados, domingos e feriados, a Casa Roberto Marinho abre a área verde e a cafeteria a partir das 9h.)

Angelo Venosa. Sem título, 2021. Madeira, tecido, fibra de vidro e resina. 78 x 157 x 222 cm. Cortesia Galeria Nara Roesler.

O Dicionário Aurélio

Por José Augusto Carvalho*



Um dos mais vendidos e consultados dicionários de língua portuguesa, editado em papel, é o do Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, que tem mais incoerências, falhas e erros do que se possa imaginar. O sucesso desse dicionário talvez se deva menos ao critério que norteou sua confecção do que ao fato de ser um volume único, e, portanto, mais facilmente manuseável. O de Caldas Aulete é em cinco volumes; o de Laudelino Freire, em quatro; o de Cândido de Figueiredo, em dois; o de Moraes Silva, o melhor de todos, também em dois. O de Silveira Bueno, embora num volume só, é ruim demais; o de Celso Luft, incompleto; o de Macedo Soares, em dois, e esgotado.

O *Aurélio*, versão em papel, teve seu início no *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, organizado por Hildebrando de Lima, revisto por Manuel Bandeira e José Baptista da Luz. Em 1975, Aurélio Buarque lança o dicionário com seu nome na capa, e o nome anterior deixou de existir. A segunda edição ocorreu em 1986. Pouco depois, Aurélio lança o dicionário com o nome de *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, pela Editora Nova Fronteira. Depois da morte de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, em 1989, familiares assumiram a edição do Dicionário com o nome de *Aurélio Século XXI – O Dicionário da Língua Portuguesa*. Em 1999, saiu a primeira edição em CD, mesmo ano em que saiu a 3ª edição do Dicionário em papel, a última com o selo da Nova Fronteira. A partir da 4ª edição, em 2009, o livro passou a ser editado pela Editora Positiva. Consulto a 4ª edição, já com a nova ortografia, em CD, que saiu pela Positiva, de acordo com o *Volp* de 2009.

Mas o sucesso do dicionário não é proporcional à qualidade. Senão, vejamos.

No verbete *ponto e vírgula*, o dicionarista dá dois plurais: *ponto e vírgulas* e *pontos e vírgulas*, declarando preferir a primeira forma de plural (a pior, porque não se trata de nome composto, mas de dois nomes unidos pela conjunção) preconizada por Nélson Vaz, sem estabelecer os critérios de sua preferência.

A definição de cacófato ("Som desagradável, ou palavra obscena, proveniente da união das sílabas finais de uma palavra com as inicias da seguinte") exclui como cacófatos expressões como "Maria não tem pretensões acerca dela", "Eva coava café", ou "Ataulfo Dias", em que o som desagradável ou obsceno é formado por palavras inteiras, nos dois primeiros exemplos, e pelo final de uma palavra com a palavra seguinte inteira, no último exemplo. Além disso, o Dicionário informa que cacófato é sinônimo de cacofonia, mas o encontro de sons desagradáveis na cacofonia não implica sentido obsceno, nem inconveniente, que apenas o cacófato produz. Veja-se, a respeito, o *Dicionário de Termos Literários*, de Massaud Moisés (2. ed. São Paulo: Cultrix, 1978, s. v. *cacofonia*).

Um exemplo de arbitrariedade é o verbete *por-favor-me-pegue*, mantido de maneira pouco científica desde a primeira edição em papel: "Na Ilha da Trindade, peixe de uns 30cm de comprimento, muito abundante, e que é pescado com balde pelos marinheiros que servem ali." Segue-se um exemplo de Moacir C. Lopes, do romance *Maria de Cada Porto*. Ora, não consta nenhuma característica científica desse peixe, além do *habitat* na ilha e do comprimento. Não há o nome da espécie, nem o nome da família, nem o hábito alimentar, nem o nome científico por que deveria ser conhecido, como fez o dicionarista, por exemplo, no verbete *sardinha*. O dicionarista apenas citou o nome vulgar do peixe citado por Moacir Lopes pela facilidade com que é pescado. Mas esse nome pode ter sido inventado pelo romancista, por direito de ficcionista. E não é a primeira vez que um escritor usa um nome inventado: Manuel Bandeira, no livro *Andorinha, Andorinha* (Rio de Janeiro: José Olympio, 1957, p. 9), na crônica "Gosmilhos na pensão", usou o nome "gosmilho" para batizar uma flor em um dos seus poemas, por informação falsa de um jardineiro de Petrópolis. E "gosmilho" simplesmente é nome que não existe.

Se formos ao verbete *calvário*, encontraremos a informação de que se trata da tradução do aramaico *gulguta* ("crânio"), sinônimo, portanto, de *gólgota*. Se formos ao verbete *gólgota*, lá encontraremos a informação de que se origina do aramaico *golgolta* ("crânio"). Fica a pergunta: qual é o étimo de gólgota? Gulguta ou golgolta?

O *Aurélio* apresenta variantes lusitanas tanto prosódicas (como *combóio*, no verbete *comboio*) quanto gráficas de muito vocábulos, como *carácter* e *facto* (correspondentes a *caráter* e *fato*, no Brasil), mas ignora *faxe*, s*a*xe e *foxe*, que se usam em Portugal e que podem justificar o plural de seus correspondentes *fax*, *sax* e *fox*, de curso no Brasil, que o dicionarista informa serem invariáveis em número. Como o inglês *box*, grafado *boxe*, em português, com o plural regular *boxes*. Curiosamente, a 2ª edição do *Aurélio*, versão em papel, registrava os plurais *foxes* e *saxes*, para *fox* e *sax*. A 3ª edição, já a cargo dos herdeiros do dicionarista, só registra *fox* e *sax* como invariáveis.

Embora registre muitas palavras e siglas em inglês de uso no Brasil, como *office-boy* e *www*, deixa de registrar muitas outras também de uso generalizado, como *motoboy* (hibridismo) e *htttp*, por exemplo. Aliás, há muitas palavras que não se encontram no *Aurélio*, embora de uso corrente, como *elencar*, *coocorrer*, *dentopalatal*, *edomita* (povo bíblico que vivia ao sul do Mar Morto), *monera* (bactéria), *pingue-pongue* etc. A preocupação com o inglês técnico fez esquecer o próprio vernáculo.

No verbete *bege*, o *Aurélio* informa que se trata de um adjetivo de dois gêneros e dois números, vale dizer, invariável. Mas registra exemplo extraído do livro *Os Barões da Candeia*, de Ana Elisa Gregori, em que o adjetivo *bege* aparece no plural, contrariando a informação do verbete: "As meias grossas, *beges*, protegem as pernas brancas." No verbete *suarabácti*, lê-se que se trata de nome masculino, mas, no verbete seguinte, *suarabáctico*, a palavra *suarabácti* é citada no feminino: "relativo à suarabácti."

No verbete *saliente*, a explicação: "que avança ou sai para fora do plano a que está unido". Como se fosse possível sair para dentro... Defender o pleonasmo vicioso "sair para fora", sob a alegação do editor de que se pode sair para cima e para os lados, é esquecer que sair para cima ou para qualquer lado implica sempre e obviamente direção para fora.

No verbete *trigonometria*, a explicação: "parte da matemática em que se estudam as funções trigonométricas". O consulente vai ao verbete *trigonométrico* e encontra: "relativo à trigonometria." Um termo a ser definido não pode constar da definição, para evitar a circularidade. Melhor definição dá-no-la o *Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa:* "ramo da matemática que estuda as relações entre os lados e os ângulos de um triângulo a fim de calcular alguns desses elementos a partir de outros, operação conhecida como relação de triângulos."

No verbete *explodir*, o Aurélio informa, na última acepção, que *explodir* é verbo defectivo, "não conjugável na 1ª pessoa do sing. do pres. do ind. nem, portanto, no pres. do subj.". No entanto, ao lado do verbete, aparece a conjugação completa do verbo explodir, com todas as formas que o Dicionário declara inexistentes...

Os elementos significativos que fazem parte da rede de relações chamada língua se chamam formas. Formas livres são as que se podem pronunciar isoladamente, constituindo-se num enunciado completo, como *livro*, *caneta*, *pasta*. Formas presas são as que se associam às formas livres e não se podem pronunciar separadamente, como o {–s} final de *livros*, que significa "mais de um", ou como as terminações verbais. Formas dependentes são os elementos átonos que dependem de outro vocábulo, mas não se prendem diretamente a ele, como os pronomes pessoais átonos que podem pronunciar-se antes, depois ou no meio do verbo: eu te amo, amo-te, amar-te-ei.

As formas livres, presas ou dependentes se chamam também morfemas. Os morfemas são representados entre chaves. Assim, {-a} é o morfema do feminino. Os sufixos e os prefixos são morfemas, são formas presas. O que caracteriza o morfema, ainda que não possa ser pronunciado isoladamente, como o {–s} que marca o plural, é o fato de ele ser dotado de significação. Há línguas em que, além do prefixo (que se acrescenta no início de uma forma base) e do sufixo (que se acrescenta no fim de uma forma base), há o infixo, que se acrescenta no meio da palavra base. Na língua iana ou ianam (do grupo ianomâmi), por exemplo, o infixo {-ru} indica plural: kuwi (curandeiro) – kuruwi (curandeiros). Em mísquito, língua indígena do Panamá, a noção de posse é indicada por infixos: napa (dente) – naipa (meu dente) – nampa (teu dente).

Chama-se vogal ou consoante de ligação o fonema que se acrescenta entre a forma base e o sufixo para facilitar a pronúncia. Se acrescentamos o sufixo {–eira} à forma base *licor*, temos *licoreira*. Se,

no entanto, à palavra *café* acrescentarmos o sufixo {–eira}, teremos de pôr um t antes: *cafeteira*. O t não é um morfema, porque não tem significado, e sua função é apenas fônica. Da mesma forma, se acrescentarmos a forma *cultura* à forma *café*, teremos *cafeicultura*. A vogal i tem apenas função de eufonia, não tem significação.

O dicionário Aurélio, no verbete próprio, define infixo adequadamente como um afixo (morfema) interno, mas exemplifica com as consoantes de ligação de *chaleira* e *motorneiro*. Ora, as consoantes de ligação não podem ser infixos, porque não são morfemas, não têm significação. Felizmente, o Houaiss não endossa essa lição. Não existe infixo em português.

Logo que saiu a 3ª edição do *Aurélio*, Cláudio Abramo publicou no Suplemento *Mais*! da *Folha de São Paulo*, em 23 de janeiro de 2020, um artigo intitulado "Dicionário, que horror", em que tece críticas construtivas e procedentes aos dicionários *Michaelis* e *Aurélio*. A reação do editor do Aurélio, Paulo Geiger, no dia 13 de fevereiro de 2020, foi a de atacar o articulista. Cláudio Abramo e o editor encerraram a "polêmica" no dia 5 de março de 2020: aquele atacando a obra; este, tentando mostrar a eficiência dos lexicógrafos e do planejamento da obra. Remeto o leitor aos exemplares do jornal *Folha de São Paulo*, da época da polêmica, ou à seguinte página da Internet: http://sites.uol.com.br/cwabramo.

A propósito, enviei, em março de 2002, um e-mail ao editor de obras de referência da Nova Fronteira, Paulo Geiger, a fim de alertá-lo de que o *Minidicionário Aurélio* tinha errado na divisão silábica de *parapsicologia*. Como se trata de uma palavra só, sem hífen, a divisão deve ser *pa-rap-si*..., mas o *Miniaurélio* ensina assim: *pa-ra-psi*... Basta lembrar, por exemplo, palavras como *rapsódia*, *lapso*, *silepse*, em que a divisão silábica recomendada oficialmente mantém as consoantes <ps> em sílabas distintas: lap-so, silep-se...

Paulo Geiger enviou-me por e-mail o seguinte argumento inconcebível num editor de obras de referência: "(...) a palavra *psicologia* se separa psi-co-lo-gi-a, e seria confuso e estranho (sic) separar foneticamente pa-rap-si-co-lo-gi-a, ainda mais que *para* também tem uma estrutura muito clara na composição com *psicologia*. É uma **exceção** (o grifo é meu) defensável pelo fato de ps estar no início da palavra, o que impede a separação do p e do s, como acontece em *si-lep-se, ca-ta-lep-si-a* etc. De novo, nessa área limítrofe, há que respeitar critérios, mesmo que se discorde deles, pois sua origem não é desatenção, desrespeito à gramática ou a verdades estratificadas etc., e sim uma aplicação consciente de um critério construído com lógica e bom senso." (A transcrição é *ipsislitteris*.)

Ora, a divisão silábica proposta pelo *Minidicionário* só teria sentido se *parapsicologia* se escrevesse com hífen. Quanto à divisão silábica em *psicologia*, é óbvio que, por serem iniciais, as duas consoantes se mantêm juntas por não haver nenhuma vogal antes em que a primeira delas se apoie, como em *mnemônica*, *tmese*, *pneu*, e quejandos, que começam com duas consoantes juntas.

Além disso, o editor inventa teorias sem respaldo científico a que o consulente não tem acesso e põe-nas em prática no desrespeito às normas oficiais, por uma questão de estranho "bom senso" que o consulente ignora. O erro da divisão silábica de *parapsicologia* fica mantido em detrimento da norma, para manter uma coerência que só existe para os autores do dicionário, que deveriam saber, por dever de ofício, que um dicionário não é um livro de doutrina, nem tampouco uma gramática, e têm a obrigação de respeitar e não de mudar as normas gramaticais e ortográficas vigentes, ainda que delas discordem.

Não contente com essa confissão de desobediência às normas oficiais, o editor Paulo Geiger envia-me outro e-mail dizendo que o *Minidicionário Houaiss* e o *Michaelis* também fazem a mesma divisão silábica de *parapsicologia*, mantendo as consoantes <ps> na mesma sílaba, como se o erro de um dicionário pudesse justificar o de outro.

O *Aurélio* segue a metodologia antiga das gramáticas latinas de abonar verbetes com exemplos de escritores, como se o escritor tivesse que obedecer às regras gramaticais do dialeto prestigioso. Citar exemplos de escritores era uma atitude válida para o latim, porque não há maneira de saber como funcionava a sintaxe latina e o emprego de vocábulos latinos, a não ser consultando-se os textos de autores como Ovídio, Virgílio, César e Catullo, por exemplo. Mas esse método não funciona adequadamente quando se estuda uma língua viva, porque o objetivo de um escritor é escrever diferentemente dos outros, numa linguagem conotativa, subvertendo a sintaxe, como atestam depoimentos conscientes de bons escritores, como Autran Dourado (Cf. *O meu Mestre Imaginário*. Rio de Janeiro: Record, 1982, p. 58-60) e até de bons gramáticos, como Celso Cunha (Ver: *Uma Política do Idioma*. Rio de Janeiro: São José, 1964, p. 19 e 22). É possível consultar textos não conotativos, não artísticos, para estudar a norma culta de uma língua viva. A norma culta portuguesa foi sedimentada pela linguagem jurídica, não pela linguagem literária. Eram os textos jurídicos que faziam as vezes de cartilhas de alfabetização (Cf. José Ariel Castro, no capítulo "Formação e desenvolvimento da língua nacional brasileira", no vol. I da obra dirigida por Afrânio Coutinho. *A Literatura no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio/UFF, 1986, p. 272.) Nossos primeiros gramáticos e ortógrafos, como Fernão de Oliveira e Duarte Nunes de Leão, não citavam seus contemporâneos de labor poético. Suas observações nasceram do convívio com as pessoas cultas da época. Fernão de Oliveira, por exemplo, quase sempre, ao citar seus conterrâneos, como João de Barros ou Garcia de Resende, fazia-o para contestá-los. Assim, parece-me inadequado citar escritores para abonar regras ou o emprego de palavras e verbos. A regência de um verbo como *responder*, em Machado de Assis, pode opor-se à empregada por outro autor de mesma grandeza, como Carlos Drummond de Andrade. Assim, embora o *Dicionário de Verbos e Regimes* de Francisco Fernandes conste da bibliografia do Aurélio, pelo menos nas versões anteriores em papel, os exemplos do emprego de *usufruir* e *deparar*, de autoria de Nélida Piñon e de Clarice Lispector, respectivamente, em verbetes próprios, desrespeitam a regência prescrita por Francisco Fernandes e pelos bons gramáticos contemporâneos. Por essa razão é que o Aurélio abonou um plural inexistente da palavra *bege*, calcado, como vimos, linhas atrás, num exemplo de uma escritora que não tem compromisso com a gramática normativa, mas com a própria arte.

Parece-me que pretendem atualizar o *Aurélio* com o acréscimo de palavras de uso recente. Creio que não é o uso generalizado que deva orientar a inclusão de um verbete num dicionário de língua. A moda passa. O que Mattoso Câmara Jr. chamou de "espírito de campanário", traduzindo o "esprit de clocher" saussuriano, funciona na língua como uma reação ao princípio de intercurso. É essa reação a principal responsável pela adaptação de vocábulos estrangeiros à feição e ao gênio da língua, a reprimir as influências estranhas e a manter-se fiel à tradição e à índole da língua.

*José Augusto Carvalho é mestre em linguística pela Unicamp e doutor em letras pela USP. Entre seus livros publicados, destacam-se: *Problemas e Dificuldades da Língua Portuguesa*; *Gramática Superior da Língua Portuguesa*; *Estudos sobre o Pronome*; M*anual de Pontuação*; *Estudos de Língua Portuguesa*; C*rônicas Linguísticas*; *Palavra puxa Palavra*.

Um homem de vidro

Por Luisa Perpétuo

Na rua vi um homem.
Parecia frágil, fino, transparente.
O homem tinha roupas largas,
Desproporcionais.

Se o vento batia forte,
O homem quebrava.
Se a terra tremia,
O homem rachava.
Se era demitido,
O homem despedaçava.

O homem tinha uma lata,
Mas não era para comida.
Era para moedas com as quais
Implorava por nutrição.

Pessoas não lhes davam ouvidos.
Elas o ignoravam por receio.
Era um homem invisível.

Dinheiro possui muitas formas.
Assim como a morte.
Nesse caso, foi como vidro.
O homem morreu frio, frágil,
Transparente.

#AFavorDoBrasil

Visite nosso site e saiba mais

CHEGOU A HORA DE RETOMAR AS ATIVIDADES.

O Sistema Comércio, que sempre trabalhou pelos interesses dos empresários, intensifica os esforços para a volta das empresas às atividades. Enviamos ao Governo Federal um ofício com sugestões, elaboradas através de uma pesquisa escutando centenas de empresários, de novas medidas para minimizar as perdas e incentivar a retomada. Criamos um grupo de trabalho para defender os interesses do empresário do comércio de bens, serviços e turismo na reforma tributária. Lançamos o "CNC Transforma", movimento de inovação e tecnologia para dar solução aos empresários e apoiar todo o Sistema Comércio a qualificar seus negócios e a se adequar ao novo cenário de transformação digital. Também produzimos vídeos para os principais segmentos do setor com orientações para o retorno com segurança. Chegou a hora das empresas retomarem as atividades e nós estamos com você.

Saiba mais em afavordobrasil.cnc.org.br

CNC | Federações | Sindicatos | Sesc | Senac / Trabalho a favor do Brasil.

Babel (In)finita de Gilberto Schwartsmann

Edição francesa original de *la Divine Comédie*, de Dante Alighieride, de 1879 e de Macunaíma, 1928, ambas da Coleção de Gilberto Schartsmann.

Uma viagem pela história da literatura Ocidental está disponível ao público amante dos livros até o dia 19 de novembro, na Academia Nacional de Medicina, no Rio de Janeiro. Trata-se da seleção de obras do acervo do bibliófilo, médico oncologista e escritor gaúcho Gilberto Schwarstmann, que disponibilizou 300 obras de sua coleção.

O percurso da mostra ocorre através dos textos – em português, inglês e espanhol – e olhares do escritor argentino Jorge Luis Borges (1899-1986), com a curadoria de Facundo Sarmiento.

É Borges (reprodução em tamanho natural) quem recebe o visitante e o leva através de um labirinto de espelhos e painéis hexagonais que remetem a "A biblioteca de Babel" – famoso conto do livro *Ficções* (1944), de Borges, no qual o autor sugere que o universo é uma biblioteca infindável. A artista Zoravia Bettiol fez desenhos em bico de pena, originais, para ilustrar os painéis.

Estão entre as raridades e primeiras edições, *A Epopeia de Gilgamesh*, *A Bíblia Sagrada*, *Ilíada* – até tempos mais recentes, como as primeiras edições de *Em Busca do Tempo Perdido* e *Ulisses*.

Com seu estilo único de lidar com o real e o imaginário, Borges escreveu sobre a maioria dos escritores e livros da mostra: *A Divina Comédia*, *Dom Quixote*, a dramaturgia de Shakespeare, *Decameron*, passando pelas obras de Montaigne, Charles Baudelaire, Honoré de Balzac, Victor Hugo, Charles Dickens, Franz Kafka, Marcel Proust, James Joyce, entre outros.

Uma ala especial é reservada para as primeiras edições dos grandes escritores brasileiros e latinos, como Gabriel García Marquez, Fernando Pessoa, Eça de Queiroz, José Saramago, Machado de Assis, Guimarães Rosa e Mario de Andrade.

A curadoria de Facundo Sarmiento empresta um ar borgiano e misterioso à mostra. No final, o visitante recebe uma carta lacrada do curador com algumas informações sobre a exposição.

SERVIÇO

Babel InFinita – Jorge Luis Borges. Acervo do bibliófilo Gilberto Schwarstmann.

Ilustrações de Zoravia Bettiol. Até dia 19 de novembro de 2023. Terça a sexta, 10h às 19h

Sábados e domingos, 10h às 17h. Academia Nacional de Medicina. Av. General Justo, 365 – Castelo – Rio de Janeiro/RJ. Entrada franca. Presença de monitores treinados para conduzir a visitação.

O casal Arnaldo e Ruth Niskier, com a pneumologista Margareth Dalcolmo e Leonor Schwartsmann.

O casal Ruth e Arnaldo Niskier são recebidos pelo colecionador gaúcho Gilberto Schwartsmann, na exposição *Babel InFinita – Jorge Luis Borges*, na Academia Nacional de Medicina.

SÍMBOLO CULTURAL

HISTÓRIA DO LIVRO E DA EDIÇÃO

Produção & Circulação, Formas & Mutações | Yann Sordet

Ricamente ilustrada e documentada, esta coedição com a Ateliê Editorial faz um vasto levantamento das transformações da história do livro, trata da diversidade de atores dessa cadeia e testa as fronteiras entre a cultura do impresso e a cultura do digital.

sescsp.org.br/edicoes

/edicoessescsp

edições Sesc